



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**VICTOR HENRIQUE DE ALENCAR FERREIRA DE SOUZA**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS PARALIMPÍADAS RIO 2016:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TV BRASIL**

**BRASÍLIA  
2019**

**VICTOR HENRIQUE DE ALENCAR FERREIRA DE SOUZA**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS PARALIMPÍADAS RIO 2016:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TV BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional. Orientador: Professor Ms. Carlos Henrique Novís.

**BRASÍLIA  
2019**

**VICTOR HENRIQUE DE ALENCAR FERREIRA DE SOUZA**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS PARALIMPÍADAS RIO 2016:**

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TV BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional. Orientador: Professor Ms. Carlos Henrique Novís

Aprovado em: 29 de novembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**ORIENTADOR: Prof. Ms. Carlos Henrique Novís**

---

**MEMBRO 1: Profa. Dra. Kátia Maria Belisário**

---

**MEMBRO 2: Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo**

---

**SUPLENTE: Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro**

A todos os paratletas pela inspiração cotidiana e a todos os profissionais de comunicação que acredito ter nas mãos a oportunidade de fazer a diferença.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus, o criador de todas as coisas, por ter chegado até aqui com saúde e paz, e a Nossa Senhora, Mãe que me guia todos os dias pelo bom caminho. A minha família, em especial aos meus pais, Adriana e Luiz Henrique, que sempre batalharam e fizeram de tudo para que os momentos mais difíceis se tornassem os melhores. Vocês são o meu exemplo de luta e de determinação nessa vida! E as minhas irmãs, Ingrid e Isabelli, que estão comigo em todos os momentos, obrigado pelo apoio e companheirismo.

Aos meus professores da Faculdade de Comunicação, em especial ao meu orientador, Caíque Novís, agradeço pela amizade e pelos bons conselhos durante toda a graduação. Também agradeço a todos os meus colegas de curso que passaram pela minha história nesta caminhada; digo que sorrir é sempre a melhor opção.

Aos atletas, pela dedicação, pela rotina de treinos e pela preparação para tornar o Time Brasil essa potência que é. Nada na vida dessas pessoas vem fácil, mas grandes atletas recebem grandes responsabilidades e estes são responsáveis por grandes feitos.

A toda equipe da TV Brasil, que me recebeu tão bem na semana que estive no Rio de Janeiro coletando dados para a pesquisa, e a excepcional receptividade da grandiosa Fernanda Honorato, primeira repórter com Síndrome de Down do Brasil, e ao multicampeão Clodoaldo Silva, com 14 medalhas nos Jogos Paralímpicos.

A Priscila, minha namorada, todo o amor possível.

A todos que compartilharam e contribuíram para que eu chegasse até aqui, meu muito obrigado!

“Minha eficiência é muito maior que  
minha deficiência”

Isis Holt, atleta australiana de atletismo, recordista  
nos 200m classe T34 (paralisia cerebral).

## **RESUMO**

O objetivo do trabalho é mostrar a importância da TV Brasil na pauta do paradesporto. No estudo de caso aqui mostrado, os Jogos Paralímpicos Rio 2016. A TV Brasil se destaca e se diferencia da grande mídia justamente por trazer à tona o que a grande mídia não oferece. O estudo de caso é a transmissão dos jogos pelo canal, que foram realizadas de 7 a 18 de setembro de 2016. Para alcançar os resultados propostos, foi realizada pesquisa bibliográfica, de campo e entrevistas para se entender o histórico do paradesporto, discute-se sobre a Rio-2016 e apresenta-se um estudo de caso específico sobre a TV Brasil. O canal fez uma transmissão de excelência e conseguiu o fato de transmitir 110 horas de um conteúdo de qualidade.

**Palavras-chave:** Comunicação, esporte, mídia, Paralimpíadas, Brasil

## **ABSTRACT**

The objective of this paper is to show the importance of TV Brasil in the agenda of the sport. In the case study shown here, the Rio 2016 Paralympic Games. TV Brasil stands out and differs from the mainstream media precisely because it brings out what the mainstream media does not offer. The case study is the transmission of games through the channel, which were held from September 7 to 18, 2016. To achieve the proposed results, we conducted a literature search, field and interviews to understand the history of the sport, discusses about Rio-2016 and presents a specific case study on TV Brasil. The channel made a great broadcast and managed to broadcast 110 hours of quality content.

**Keywords:** Communication, sport, media, Paralympics, Brazil



## **LISTA DE SIGLAS**

**(IPC)** - Comitê Paralímpico Internacional

**(CPB)** - Comitê Paralímpico Brasileiro

**(EBC)** – Empresa Brasil de Comunicação

**(IBSA)** - International Blind Sports Association - Associação Internacional de Esportes para Cegos

**(ISMGF)** - Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville

**(ISOD)** - Internaticonal Sports Organization Disable - Organização Internacional de Esportes para o Deficiente

**(ABDA)** - Associação Brasileira de Desporto para Amputados

**(ABDC)** - Associação Brasileira de Desporto para Cegos

**(ABRADECAR)** - Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas

**(ABDEM)** - Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Mentais

**(ANDE)** - Associação Nacional de Desporto de Deficientes

**(ANDEF)** - Associação Niteroiense de Deficientes Físicos

**(CND)** - Conselho Nacional dos Desportos

**(COB)** - Comitê Olímpico Brasileiro

**(COI)** - Comitê Olímpico Internacional

**(CISS)** - Comitê Internacional de Esportes para Surdos

**(CP-ISRA)** - International Sports and Recreation Association - Associação Internacional de Esportes, Recreação e Dança paraparalisados cerebrais

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Quadro 1: Emissoras públicas**

**Quadro 2: Tipos de deficiências físicas**

**Quadro 3: Classificação funcional**

**Quadro 4: Ibope: 10 maiores audiências**

**Figura 1: Criação do 1º comitê paraolímpico**

**Figura 2: Fonte de recursos**

**Figura 3: Quadro de medalhas Rio 2016**

**Figura 4: Quadro de medalhas do Brasil nos Jogos Paralímpicos**

**Figura 5: Cronologia da classificação funcional**

**Figura 6: Evolução do Brasil nos Jogos Paralímpicos**

**Figura 7: Logo tv Brasil**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.2 Pergunta de pesquisa .....	14
1.3 Objetivo Geral.....	14
1.4 Objetivos Específicos .....	14
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 Radiodifusão pública .....	18
2.2 Metodologia .....	19
2.3 Estrutura do Trabalho.....	21
<b>3 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO PARALÍMPICO .....</b>	<b>22</b>
3.1 De Roma 1960 ao Rio 2016: 56 anos de grandes feitos .....	22
3.2 Início do esporte paralímpico no Brasil .....	28
3.3 Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) .....	30
<b>4 PARALIMPÍADAS RIO 2016.....</b>	<b>33</b>
4.1 Escolha do Rio e estrutura dos jogos .....	33
4.2 Os jogos.....	35
4.3 Direitos de transmissão: relações comerciais com a mídia.....	45
<b>5 ESTUDO DE CASO SOBRE A TV BRASIL .....</b>	<b>48</b>
5.1 Criação da Tv Brasil.....	49
5.2 Jornalismo esportivo na Tv Brasil.....	52
5.3 Cobertura da TV Brasil nas Paralimpíadas Rio 2016 .....	54
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

O esporte para pessoas com deficiência surgiu como uma ferramenta alternativa no processo de reabilitação e reinserção de soldados que retornavam da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com alguma sequela física, cognitiva e/ou psicológica (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008). A reabilitação tinha como objetivo minimizar as consequências causadas pela guerra (ARAÚJO, 1998). O surgimento do Movimento Paralímpico<sup>1</sup> foi baseado em um modelo também centrado nas práticas de lazer e socialização entre os praticantes.

No ano de 1939, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttman, o pai do paradesporto, se estabeleceu na Inglaterra para pesquisar sobre o sistema nervoso periférico na Universidade de Oxford. No ano de 1944, começou a trabalhar na Universidade de Lesões Modulares de Stoke Mandeville, na Inglaterra, e a usar o esporte como parte do processo de reabilitação dos pacientes. Guttman considerava o valor terapêutico do esporte como parte essencial da reabilitação física, psicológica e social para a pessoa com deficiência (MELLO; WINCKLER, 2012).

Desde o início do desporto e do paradesporto com Guttman em 1944, até os dias atuais, a mídia sempre foi uma divisora de águas no sucesso ou na derrota do esporte nos veículos de comunicação. A mídia tem fundamental importância na construção do significado social atribuído ao esporte de maneira geral, pois os meios de comunicação não apenas influem na forma como as pessoas atribuem sentido às atividades relacionadas ao campo da Educação Física e da Comunicação, como também refletem a visão que circulado no espaço público sobre essa temática. Como descreve Mauro Betti (2004), é decisiva:

a influência das mídias (em especial a televisão) no direcionamento de tendências da cultura corporal de movimento, com importantes repercussões para a Educação Física, entendida esta tanto como área de conhecimento como de intervenção profissional (BETTI, 2004).

A relação entre empresas de comunicação, mídia e o esporte é longa e mutuamente proveitosa. As empresas de comunicação oferecem visibilidade aos atores do mundo esportivo, majoritariamente aos atletas, permitindo maior fluxo de

---

<sup>1</sup> O termo paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Essa mudança ocorreu a pedido do IPC para o CPB. O objetivo é a universalização do tema e suas derivações.

bilheteria e melhores contratos de publicidade, enquanto os meios de comunicação aumentam a sua circulação, devido à atratividade do conteúdo esportivo junto às audiências na televisão. A imprensa sempre teve um papel fundamental para a independência do esporte e para o seu processo de profissionalização. No entanto, a maior festa do paradesporto mundial, as Paralimpíadas ou Jogos Paralímpicos, sempre teve coberturas muito ínfimas se comparadas às coberturas das Olimpíadas. Mas, a partir das Paralimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, tudo mudou com a entrada da TV Brasil, emissora do governo federal.

A TV Brasil é a “cabeça” da Televisão Pública nacional que surgiu a partir da criação da Empresa Brasileira de Comunicação/EBC, pelo Decreto Presidencial Nº 6.246 de 24 de outubro de 2007. Iniciou suas transmissões no dia 2 de dezembro de 2007 a partir da fusão das TVEs do Rio de Janeiro, Maranhão e também da TV Nacional de Brasília. Com o slogan "O canal das Paralimpíadas", a TV Brasil e as emissoras parceiras da Rede Pública de Televisão se destacaram e acompanharam o passo a passo de cada competição, além da transmissão ao vivo da Cerimônia de Abertura e da Solenidade de Encerramento dos Jogos, com uma ampla relevância para a participação dos atletas brasileiros em esportes coletivos e individuais.

O Rio de Janeiro recebeu nos 11 dias de jogos, de 7 a 18 de setembro de 2016, mais de 4.350 atletas de 176 países para competir em 23 modalidades nos Jogos Paralímpicos. A TV Brasil faz uma ampla cobertura dos Jogos Paralímpicos do Rio com cerca de 10 horas de transmissões diárias em sua programação. Investir em integração e coberturas diferenciadas, muitas vezes suprimindo lacunas deixadas pela falta de interesse do sistema privado, é algo em que se tem investido na atualidade. Temas que ganham notas curtas ou pouca atenção nas redes convencionais, como é o caso das Paralimpíadas, ou mesmo que ficam restritas a coberturas regionalizadas e dificilmente ganham dimensão nacional, têm ganhado a atenção e os esforços das representantes das emissoras públicas.

Com a cobertura intensa das Paralimpíadas, a TV Brasil e demais emissoras públicas envolvidas buscam estabelecer e fortalecer formas de diferenciação da produção operada pelo sistema privado de comunicação, norteando-se por princípios e elementos próprios da radiodifusão pública. Um dos princípios da radiodifusão pública é fornecer cobertura de interesses para os quais existem

mercados pequenos ou ausentes, como assegura o artigo 223 da Constituição, exigindo uma nova frente na disciplina dos serviços de televisão para além do paradigma clássico voltado unicamente ao serviço público de televisão por radiodifusão, associado à reserva da atividade em favor do Estado.

Essas iniciativas são momentos em que estes se tornam mais claros e que se permite compreender a importância e o porquê de existirem emissoras públicas, trazendo à tona características que fazem com que elas sejam complementares às privadas.

## **1.2 Pergunta de pesquisa**

Na imprensa esportiva, o jornalismo esportivo pauta principalmente o futebol, o esporte mais popular do país, assim como as emissoras de televisão que destinam maior parte da programação à cobertura de campeonatos de futebol. A TV Brasil pauta o desporto e o paradesporto igualmente, sem preconceitos, na sua grade de programação. Ela, que nasceu para ser independente e com um caráter democrático, se diferencia das demais justamente por dar espaço para isso? Qual o verdadeiro papel da mídia em relação aos atletas paralímpicos? Eles são vistos e apresentados como atletas ou apenas como casos de superação?

## **1.3 Objetivo Geral**

Pesquisar, analisar e refletir sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 pelo canal TV Brasil, sobre a transmissão ao vivo.

## **1.4 Objetivos Específicos**

- Caracterizar as condições de produção e de rotina produtiva dos jornalistas da TV Brasil sobre o esporte e sobre os atletas paralímpicos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016;
- Identificar critérios de noticiabilidade e valores-notícia definidos por jornalistas esportivos na cobertura jornalística do esporte e dos atletas paralímpicos durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A mídia é um elemento onipresente na sociedade moderna e contemporânea por constituir-se de um conjunto de instituições/instrumentos que lidam eminentemente com o processo comunicativo da vida social. Ou seja, ela é mediadora de um fenômeno e de uma demanda primária da vida humana em comunidade, a interação social (THOMPSON, 1995; 1998). Já o esporte é um fenômeno social moderno multifacetado (BRACHT, 1997), com múltiplos modos de se manifestar (ou não) em diferentes contextos socioculturais.

Assim, diante do alcance social que a primeira tem em comparação ao segundo, para se aproximar e utilizar dos benefícios que aquela poderia lhe proporcionar, o esporte adaptou-se e transformou muitos dos seus códigos, normas e regras para ser aceito pela mídia. Este é um processo denominado de espetacularização do esporte (PIRES, 1998), que é a transformação deste em espetáculo da mídia através da sobreposição de diretrizes, linguagens e interesses do campo midiático sobre o campo esportivo (SANFELICE, 2010).

O (tele)espetáculo esportivo é uma realidade textual relativamente autônoma, construída pela mídia (BETTI, 1998a; 2001), isto é, um modo de representação social do fenômeno esportivo, veiculado através das estratégias e interesses midiáticos, o qual é pautado, predominantemente, pela manifestação do esporte de alto rendimento (BRACHT, 1997). O espetáculo esportivo da mídia é, portanto, senão o principal, um dos principais modos de se compreender o esporte na contemporaneidade, impactando diretamente na conformação da cultura esportiva dos diferentes contextos sociais (PIRES, 2002).

A relação de reciprocidade entre o esporte e a mídia na contemporaneidade é inegável. Para as instituições de mídia, como empresas de comunicação que se sustentam no tripé informação-entretenimento-publicidade, o esporte é um valioso objeto a ser trabalhado por lhes fornecer o "show já pronto, pois o cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele)consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala global" (PIRES, 2002, p. 90). Por outro lado, para o esporte, a mídia é um importante instrumento/meio de divulgação, visibilidade, atração de consumidores e, conseqüentemente, de

aquisição de recursos financeiros através de cotas publicitárias (BETTI, 2001; PIRES, 2002).

Estudar esporte na cultura atual significa tentar compreender o seu papel, suas formas de manifestação e os valores que ele transmite para a sociedade. Nessa questão, inserem-se, entre outros objetos, os esportes adaptados, representados, num âmbito mundial, inclusive pelo esporte paralímpico. A Sociologia se ocupa do esporte desde o século XIX, procurando avançar na reflexão sobre aspectos como sua origem, importância e as relações culturais, de poder e religiosas que o permeiam. Nesta relação, a área da Sociologia tanto fornece subsídios para a sociologia do esporte, quanto recebe contribuições dela para suas diversas disciplinas temáticas (PILZ, 1999).

As transformações sociais do fenômeno esportivo e os impactos ou influências dele sobre os hábitos dos indivíduos que tomam contato com esse universo, ou seja, as inter-relações entre a manifestação do fato esportivo e a sociedade constituem o objeto da área de conhecimento. Nesse processo, é importante considerar que, enquanto objeto de estudo, o esporte tem sua evolução, valores e conquistas atrelados à sociedade em que se insere, ou seja, é uma prática que deve ser contextualizada no tempo e no espaço da sua socialização. O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar a partir de um referencial teórico ligado às Ciências Humanas, mais precisamente à Sociologia do Esporte com Pierre Bourdieu, as relações midiáticas do esporte paralímpico na sociedade contemporânea.

Para Pierre Bourdieu (1997), os Jogos, enquanto suportes de *spots* Publicitários, tornam-se um produto comercial que obedecem às lógicas do mercado e que, por isso, devem ser concebidos de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público – que também deve ser o mais amplo possível. Não faltam estudos e reflexões sobre a natureza mercadológica dos Jogos Olímpicos. Já a dos Jogos Paralímpicos ainda é um objeto de estudo pouco explorado pelos pesquisadores. Obedecendo à atual racionalidade econômica em que se estruturam toda a sociedade – e não só os Jogos, vale salientar –, tudo pode e é comercializado: os ingressos de entrada às competições, os direitos de concessões de imagem para a televisão, produtos licenciados em lojas físicas e virtuais.



Filosoficamente, esta forma de manifestação do esporte baseia-se nas ideias do paralimpismo, que, por sua vez, herda alguns princípios do Olimpismo.

Olimpismo é uma filosofia de vida, que exalta e combina num todo balanceado de qualidades do corpo, alma e mente, misturando esporte com cultura e educação, o olimpismo busca a criação de um modo de vida baseado no esforço, valores educacionais de bons exemplos e respeito a princípios éticos fundamentais. O objetivo do Olimpismo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do Homem, com vistas à promoção de uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana (HOWE, 2008, p. 33).

#### E o Paraolimpismo:

é uma filosofia de vida que envolve a mente, corpo e espírito. Por combinar esporte com educação, acaba por nortear um modo de vida de pessoas com deficiência baseado no esforço, bons exemplos e respeito à ética. Os ideais do paraolimpismo compreendem a promoção e desenvolvimento tanto do “esporte para todos”, quanto do “Esporte de elite”. Apesar de cada um deles apresentar diferenças filosóficas, de finalidades e objetivos fundamentais, eles se complementam e agregam educação, experiência, valores, tradições e fair play, rumo à realização individual, social, cultural e econômica (HOWE, 2008, p. 35).

Se tratando de bibliografias mais recentes, o livro “Esportes Paralímpicos” traz uma definição sobre o que é paralimpismo. Para Mello e Winckler (2012):

O esporte paralímpico já é um ambiente mais restrito. Essa restrição de acesso é ainda marcada pelo processo de classificação esportiva (médica ou funcional), que torna os atletas elegíveis ou inelegíveis para a sua prática. Podemos considerar assim, que o esporte paralímpico não é acessível a toda a população, uma vez que apenas quem apresenta bons resultados e se enquadra dentro de uma determinada classificação pode participar. Um bom exemplo são as lutas, apenas o judô faz parte do quadro de modalidade dos jogos paralímpicos, uma vez que o judô é praticado apenas por deficientes visuais, alguém com deficiência física pode até praticar a modalidade, mas nunca irá competir por ela, não no movimento paralímpico (MELLO; WINCKLER, 2012, p. 17).

Segundo Marques (2009), o conceito do esporte paralímpico configura-se, metodologicamente, como um subcampo do campo do esporte, no qual existem quatro formas essenciais de capital que norteiam as disputas e que se inter-relacionam:

Econômico (quantidade de dinheiro em posse do agente), Social (referente ao círculo social e relações interpessoais), Cultural (aprendizado e conhecimento formal - ligado, entre outras formas, à escola regular e transmissão doméstica de conhecimento) e Simbólico (específico de cada campo, é determinado pelo que o “habitus” e costumes daquele espaço indicam como algo a ser valorizado. Por exemplo, no esporte, uma das formas de capital simbólico é o mérito esportivo de um atleta) (MARQUES, 2009).

### 1.5.1 Radiodifusão pública

Em coletânea<sup>2</sup> divulgada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a instituição ressalta essa necessidade e difere as emissoras estatais das públicas, bem como suas vertentes:

#### Quadro 1 - Emissoras públicas

Emissora estatal	Na ordem democrática, toda emissora estatal é pública, pois não se concebe, no regime democrático, que uma emissora pertencente ao Estado não se ponha a serviço do interesse público. Ao ser vinculada direta ou indiretamente à administração pública, ela deve pautar-se pelos princípios consagrados desta: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência, não sendo legítimo que seja posta a serviço de interesses pessoais, partidários, familiares, comerciais ou religiosos.
Emissora governamental	São emissoras estatais específicas, uma vez que seu vínculo administrativo se dá com o Poder Executivo e esse vínculo “implica subordinação, expressa ou velada” . Exemplo: NBR.
Emissora legislativa	Seguindo o raciocínio anterior, é a emissora estatal que se vincula, diretamente, a uma casa do Poder Legislativo, seja federal, seja estadual seja municipal. Exemplo: TV Câmara e TV Senado.
Emissora judiciária	Estatual vinculada ao Poder Judiciário.
Emissora pública	Sua propriedade e sua natureza jurídica não a vinculam direta ou indiretamente ao Estado, nos termos da legislação que rege a administração pública. Porém não tem finalidade de lucro e não é financiada pelo mercado publicitário. Exemplo: TV Brasil

<sup>2</sup> BUCCI, E.; CHIARETTI, M.; FIORINI, A. M. *Indicadores de qualidade nas emissoras Públicas: uma avaliação contemporânea*. Rio de Janeiro: UNESCO, SÉRIE Debates CI Nº10, 2012.

Emissora comunitária	É considerada uma subespécie da emissora pública, que se diferencia em função de seu alcance geograficamente delimitado em áreas menores.
----------------------	---

Fonte: Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea (UNESCO, 2012).

Emissoras estatais, portanto, devem ser públicas, cumprir uma finalidade pública, sem ser partidárias, pautadas pela impessoalidade. A definição de emissora estatal resulta do atendimento de três requisitos: sua propriedade e sua natureza jurídica a vinculam direta ou indiretamente ao Estado, nos termos da legislação que rege a administração pública do país; sua gestão cotidiana está subordinada a autoridades de um dos três poderes da República; e sua programação sofre limites decorrentes dos dois requisitos anteriores.

## 2.1 Metodologia

Primeiramente, foram levantados fatos para a observação, os quais foram os materiais produzidos pela TV Brasil durante as Paralimpíadas Rio2016. Consiste-se, assim, na observação sistemática da sucessão de fatos da realidade e da cobertura dos jogos, resultando na explicação do fenômeno da televisão.

A pesquisa se caracteriza pela busca de um novo conhecimento a respeito de um tema ainda pouco explorado no meio acadêmico, a partir da descrição da realidade estudada (ARAÚJO, 1998). Ou seja, este trabalho traz uma forma de aproximação do paradesporto com a TV Brasil. Para embasar toda análise, foi feito um levantamento da produção da TV Brasil por meio da pesquisa bibliográfica, da pesquisa de campo e de entrevista. A pesquisa bibliográfica é definida como:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 183).

A pesquisa de campo se divide em três grupos: quantitativo-descritivo, exploratórios e experimentais. O método de pesquisa utilizado neste trabalho foi o quantitativo-descritivo, que consiste em:

investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem (LAKATOS; MARCONI, 2007, p.187).

A entrevista foi utilizada para entender um pouco do esporte paralímpico e sua vivência com a percepção de atletas, técnicos e jornalistas:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS, MARCONI, 2007, p. 195).

Sobre as entrevistas, os roteiros foram específicos para cada grupo de entrevistados: atletas, técnicos e jornalistas. O uso dos temas, se a cobertura foi meramente factual ou se explorou enfoques especiais, os critérios de noticiabilidade e valores notícias explorados também foram levados em consideração.

O estudo de caso é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual. Ele serve para responder questionamentos que o pesquisador não tem muito controle sobre o fenômeno estudado.

O estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão. O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. (YIN, 2001)

Na pesquisa, foi registrada parte da visita à redação da TV Brasil no centro da cidade do Rio de Janeiro. A amostragem se restringiu ao período mais expressivo da cobertura jornalística em termos de divulgação em tempo real do tema e por ter correspondido ao período em que, de fato, houve cobertura intensiva do assunto.

## **2.2 Estrutura do Trabalho**

O presente trabalho realizou pesquisa de campo e revisão bibliográfica sobre o processo de cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio-2016 sobre a ótica da TV Brasil. Para tanto, o trabalho foi dividido em quatro capítulos.

O primeiro é o referencial teórico, abordando diversos autores e situando o trabalho no âmbito da comunicação e do esporte.

O segundo capítulo fala sobre o surgimento do movimento Paralímpico, começando a contar desde Stoke Mandeville, passando por Roma, sede da primeira edição em 1960, até o Rio de Janeiro em 2016, explorando também a trajetória de sucesso do Time Brasil nos jogos.

No capítulo “Paralimpíadas Rio 2016”, explica-se como foram os jogos do Rio, desde a escolha da cidade sede, os jogos até os medalhistas. O capítulo termina abordando a publicidade no meio comercial que envolve os direitos de transmissão de grandes eventos esportivos.

No quarto e último capítulo, aborda-se o estudo de caso feito na TV Brasil. Neste capítulo, trata-se sobre a transmissão da TV nos dias de jogos, as equipes de transmissão no Parque Olímpico da Barra da Tijuca, o conceito de radiodifusão pública e o caráter democrático que a TV Brasil exerce no país, no ar há 12 anos.

Por fim, nos apêndices, serão reproduzidas as entrevistas exclusivas com jornalistas da TV Brasil, atletas paralímpicos e técnicos paralímpicos.

### **3 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO PARALÍMPICO**

#### **3.1 De Roma 1960 ao Rio 2016: 56 anos de grandes feitos**

A partir da segunda metade do século XX, o esporte para pessoas com deficiência começou a se consolidar, o que possibilitou a criação de um evento, que, mais tarde, seria chamado de Jogos Paralímpicos. O surgimento do Movimento Paralímpico foi baseado em um modelo centrado nas práticas de reabilitação e de lazer. No ano de 1939, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttman, o pai do paradesporto, se estabeleceu na Inglaterra para pesquisar sobre o sistema nervoso periférico na Universidade de Oxford. No ano de 1944, começou a trabalhar na Universidade de Lesões Modulares de Stoke Mandeville e a usar o esporte como parte do processo de reabilitação dos pacientes. Guttman considerava o valor terapêutico do esporte como parte essencial da reabilitação física, psicológica e social para a pessoa com deficiência (MELLO; WINCKLER, 2012).

A Inglaterra passava pela Segunda Guerra Mundial e os combatentes voltavam do campo de batalha com lesões tão severas que aproximadamente 80% deles vinham a falecer durante a reabilitação. O esporte era uma forma de melhorar a qualidade de vida e condição psicológica. A prática de atividades competitivas com lesão medular e outras deficiências similares servia como elemento motivacional para que eles buscassem uma melhor integração com o ambiente fora do hospital.

Atividades como tiro com arco, polo e Netball em cadeira de rodas eram praticadas, sendo o Netball um estilo de basquete que tem como principal diferença a ausência da tabela. Os primeiros Jogos de Stoke Mandeville tiveram data coincidente com o dia da abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, disputados em 1948. Assim, o paralelo com os Jogos Olímpicos estava se originando. Guttman inclusive anunciou que, com esses jogos, as pessoas com deficiência estavam tendo o seu equivalente aos Jogos Olímpicos.

Do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos, em 1946, estavam sendo realizados os primeiros movimentos do basquete em cadeira de rodas, através de competições entre vários hospitais e associações de veteranos de guerra. O caminho para a internacionalização do esporte deu uma grande guinada em Roma 1960, quando foi realizada a nona edição dos Jogos Internacionais de Stoke

Mandeville, que foram considerados como os Primeiros Jogos Paralímpicos. As modalidades disputadas foram Sinuca, Esgrima, Atletismo, Basquete em Cadeira de Rodas, Dardo, Natação, Tênis de Mesa, Tiro com Arco e Pentatlo.

Nos jogos de 1964, em Tóquio, apesar da imprensa batizar o evento de Paralimpíadas, Guttman referiu-se àqueles jogos como os 13º Jogos Internacionais de Stoke Manderville ou Jogos de Tóquio para os Paralisados. A nomenclatura dos jogos e do Movimento seria definida durante os jogos de Seul 1988, na Coreia do Sul, quando foi oficialmente denominada de Jogos Paralímpicos. A ideia de seguir a mesma periodicidade dos Jogos Olímpicos foi adotada, no entanto o modelo de usar a mesma cidade sede ocorreu apenas nos primeiros dois Jogos e só voltaria a ocorrer após 34 anos na cidade de Seul, na Coreia do Sul.

O México, por não se considerar apto para realizar os Jogos, desistiu de sediá-los dois anos antes do evento de 1968, e Israel se ofereceu para sediar. Já em 1972, questões estruturais e financeiras fizeram com que os jogos seguintes na Alemanha mudassem de Munique para Heidelberg, em 1972. No ano de 1976, além dos Jogos Paralímpicos de Verão, em Toronto, ocorreram os primeiros Jogos Paralímpicos de Inverno, na cidade sueca de Örnköldsvik. O evento de Verão ocorreu em Toronto já que os organizadores de Montreal não permitiram a utilização dos espaços usados nos Jogos Olímpicos. Esse é o primeiro evento multideficiências com inserção de modalidades para atletas com deficiência visual, amputação e outros tipos de deficiência, como más formações ou déficits de estatura.

Os jogos de 1980 ocorreram na Holanda, pois a União Soviética não teve interesse de realizá-los, usando o argumento que não havia pessoas com deficiência na União Soviética. O país passava pelo período da Guerra Fria e na briga com os Estados Unidos da América, a União Soviética não queria se colocar abaixo do seu principal inimigo usando esse argumento. O período entre 1960 e 1980 foi chamado pelo pesquisador Bailey como a “Era do Desenvolvimento” no qual o crescimento do Movimento Paralímpico ocorreu, porém de maneira isolada e baseada em um modelo médico: “o esporte paralímpico teve sua origem em finalidades terapêuticas e recreativas, porém, no século XXI, apresenta características próprias do alto rendimento.” (BAILEY, 2008).

Esse quadro só mudou com a criação e o fortalecimento de outras entidades de gerenciamento esportivo internacional, pois, no início, só havia a Federação dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville – ISMGF, que surgiu em 1960, assim como a criação da Organização Internacional de Esporte para Deficientes – ISOD, no ano de 1964, a Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais – CP-ISRA, em 1978, e a Federação Internacional de Esporte para Cegos – IBSA, em 1981. Desse modo, o movimento paralímpico se consolidou. Em 1982, durante o Segundo Campeonato Mundial de Esportes de Inverno para Deficientes, em Leysin na Suíça, foi fundado o Comitê Coordenador Internacional das Organizações Mundiais de Esportes para Deficientes – ICC. Esse órgão representou o interesse do movimento paralímpico na organização dos Jogos Paralímpicos entre 1982 e 1992.

Os Jogos de 1984 foram marcados pela separação do evento em duas sedes, Stoke Mandeville e Nova Iorque. Essa separação ocorreu pela saída de última hora da Universidade de Illinois, estado norte americano, que sediaria os eventos em cadeira de rodas, e pela disputa do nome Paralimpíadas, vetado pelo Comitê Olímpico Americano, que interpretou que o uso dele causaria conflito e confusão de entendimento com os Jogos Olímpicos. Em decorrência desses fatores, os VII Jogos Mundiais de Cadeira de Rodas ocorreram na Inglaterra, e os VII Jogos Internacionais para deficientes nos Estados Unidos.

Mesmo marcado por esses problemas, os Jogos seguintes já tinham uma sede anunciada, que seria em Seul (1988). A intenção dos sul-coreanos foi marcada por forte influência religiosa, no sentido de que, ao fazer o bem sediando os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, os coreanos teriam benefícios existenciais futuros. Os Jogos de Seul 1988 foram considerados o ponto de virada do movimento paralímpico, pois a estrutura física e a condição dada para a participação dos atletas permitiram uma melhor condição de participação destes, dando início à era moderna dos Jogos Paralímpicos. Esse foi o primeiro evento a contar com a simbologia do movimento paralímpico, como a oficialização do nome, do hino, da bandeira paralímpica e com a adoção de cinco Tae-Geuks coreanos como símbolo.

Alinhados no formato de um W, representando a inicial da palavra World (Mundo), o número cinco foi adotado de maneira a representar os cinco oceanos



e os cinco continentes. O termo paralímpico é uma associação entre o prefixo grego “para”, que significa paralelo, e o termo “olímpico”, que, segundo o IPC, representa a condição paralela entre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Embora, muitas vezes, a palavra “paralímpico” tenha sido usada para representar o movimento Olímpico das pessoas paraplégicas, essa nunca foi considerada uma versão oficial.

O período entre 1980 e 1988 foi denominado como a era do “Justo, não igual”, já que as ações do período foram para trazer mais visibilidade e suporte financeiro ao movimento paralímpico, além de tentar dar uma voz política única aos seus representantes. No ano de 1989, mais um importante passo foi dado para a unificação do Movimento Paralímpico Internacional com a criação, em Düsseldorf na Alemanha, do Comitê Paralímpico Internacional – IPC, que teve como seu primeiro presidente eleito o canadense Dr. Robert Steadward.

Os Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992, foram marcados pelo planejamento prévio e alinhado rumo à diminuição do número de provas e classes. Esse processo ocorreu através do fortalecimento do sistema de classificação, sustentado em um modelo mais próximo da situação funcional dos movimentos que os atletas realizam na competição. Foi durante esses Jogos que foram registrados os primeiros casos de doping. Para muitas pessoas que trabalharam e competiram nesse evento, os Jogos Paralímpicos viraram um espetáculo que valorizava o desempenho dos atletas com deficiência e não somente a participação como forma de integração social. A organização dos Jogos apresentou um déficit financeiro, que foi coberto pela Organização Nacional de Cegos da Espanha.

No ano de 1994, o logotipo do IPC mudou de formato em virtude de sua similaridade aos cinco anéis olímpicos. A mudança fez com que o símbolo passasse de cinco Tae-Geuks para três. Ao adotar esta simbologia, cada Tae-Geuks passou a representar os elementos que constituem o Ser Humano: Mente, Corpo e Espírito. O período entre 1988 e 1992 foi chamado “Construção de pontes e não de muros”, em decorrência da necessidade de consolidação do Movimento Paralímpico. Os elementos marcantes desse processo foram o estabelecimento de um sistema de classificação, a transição da gerência do Movimento Paralímpico do ICC para o IPC, a consolidação dessa entidade frente ao Comitê

Olímpico Internacional – COI e a retomada das Paralimpíadas como um evento paralelo aos Jogos Olímpicos.

Os Jogos Paralímpicos de Atlanta em 1996 marcaram a inclusão dos atletas com deficiência intelectual no programa de provas de atletismo e da natação. Nesses jogos, foram distribuídas 1574 medalhas nas 20 modalidades, nas quais estavam 3195 atletas. O período entre 1992 e 1996 é definido como “Espírito em Movimento”, em virtude da evolução dos Jogos no sentido de se tornar um espetáculo e na busca pela universalização do paradesporto.

Os Jogos Paralímpicos de Sidney, em 2000, foram marcados pelo processo contínuo na diminuição do número de eventos valendo medalha. Esse processo teve como objetivo tornar os jogos em um evento de mais fácil compreensão para a mídia e para os espectadores, além de possibilitar que eles se tornassem um produto mais interessante para os patrocinadores. Mesmo com essa redução numérica, os Jogos Paralímpicos tiveram 561 medalhas de ouro disputadas em 18 esportes, enquanto a versão olímpica teve 300 medalhas de ouro a serem alcançadas em 28 modalidades.

O grande escândalo realizado pelo homens nos jogos foi relatado pelo jornalista Carlos Ribagorda, do jornal espanhol *Capital*, que se infiltrou no time espanhol de basquete para atletas com deficiência intelectual. Para isso, burlou o teste aplicado como critério de seleção. O jornalista publicou a fraude e desencadeou uma crise no sistema de classificação que colocou o esporte para atletas com deficiência intelectual na berlinda, suspendendo a participação desses atletas até que fosse desenvolvido um sistema de classificação no qual o problema não se repetisse.

O período entre 1996 e 2000 foi marcado como o período “Consertar o que precisa ser consertado”, no qual as questões políticas das entidades esportivas ficaram menos tensas, e os Jogos cresceram de tamanho e proporção. No entanto, a busca pelas medalhas começou a tomar uma direção que, por vezes, os atletas colocavam a medalha acima de sua condição de saúde. No ano de 2001, foi eleito o segundo presidente do Comitê Paralímpico Internacional, o inglês Phillip Crave, que foi atleta e dirigente do basquete em cadeira de rodas.

No ano de 2002, o COI e o IPC assinaram um acordo indicando que a organização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos deveria ser partilhada, não só no uso de equipamentos, mas no planejamento e nas ações, além de condicionar a

cidade postulante aos Jogos em organizar ambos os eventos. Essa última condição passou a valer a partir dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Pequim em 2008.

Assim, os Jogos Paralímpicos de Atenas foram beneficiados por esse acordo, já que o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos foi apenas um, bem como foi a primeira vez que os atletas não tiveram de pagar pela taxa de inscrição. O acesso da mídia mundial foi muito grande e facilitado pelo fuso horário do País, pois esse era menor em comparação aos Jogos da Austrália. Durante os Jogos Paralímpicos de Atenas, o IPC divulgou o seu novo logotipo e bandeira. O símbolo é composto por três Agitos, cuja expressão tem origem na expressão latina *Eu movo*, dando ênfase na capacidade dos atletas, por suas ações esportivas motivarem e excitarem as pessoas que acompanham o esporte.

O ano de 2007 foi marcado pelos Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro, o primeiro evento de abrangência regional, no caso da América, que teve organização e instalação conjuntas com o evento Regional Olímpico. Um diferencial para a escolha do Rio de Janeiro como cidade sede foi dela se dispuser a realizar nos mesmos locais de competições dos Jogos Pan-Americanos. O Rio tornou-se, assim, a primeira cidade a realizar os Jogos Pan e Parapan na mesma cidade.

Os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 foram marcados pela grandiosidade das instalações esportivas e pela acessibilidade da Vila Paralímpica, além de que a festa de abertura e de encerramento dos Jogos não deixaram a desejar em relação à abertura dos eventos olímpicos. As competições esportivas tiveram sempre grande público e a cobertura midiática atingiu níveis altos comparados com as anteriores. Já em Londres 2012, os jogos foram realizados entre os dias 29 de agosto e 9 de setembro. Foram 4.200 competidores de 165 nações de todo o mundo, que disputaram 20 esportes. Outro destaque foi a grande quantidade de quebra de recordes mundiais. Foram nada mais nada menos que 199 marcas superadas, contra 39 dos Jogos Olímpicos. As disputas incluíram atletas com diversas deficiências físicas e sensoriais, tais como paralisia cerebral, amputações e cegueira. Foi a primeira vez desde 2000 que os deficientes mentais participaram dos Jogos.

Na visão do Comitê Paralímpico Internacional, o sucesso crescente dos Jogos e o surgimento de novos e vitoriosos atletas a cada edição são a melhor prova de que o objetivo de fazer com que os portadores de deficiência atinjam a excelência esportiva está sendo plenamente alcançado (SESI, 2013, p. 7).

Talvez por essa grandiosidade e representatividade, chama-se esse período de “esporte é sobre emoção”, já que o legado de Guttman tomou dimensões mundiais e está possibilitando não só o acesso da prática esportiva por milhões de pessoas com deficiência ao redor do mundo, como também tem se tornado um espetáculo com dimensões semelhantes às dos Jogos Olímpicos.

### **3.2 Início do esporte paralímpico no Brasil**

A chegada do esporte paralímpico no Brasil está associada com o retorno de dois atletas dos Estados Unidos que foram buscar terapias para a reabilitação de suas lesões medulares. No Rio de Janeiro, no dia 1 de abril de 1958, Robson Sampaio de Almeida, ao voltar de seu tratamento, em parceria com Aldo Miccolis, funda o Clube do Otimismo. Na cidade de São Paulo, no dia 28 de julho, Sérgio Seraphin Del Grande cria o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. A data foi escolhida como uma homenagem aos dez anos dos Jogos de Stoke Mandeville. O elemento marcante dessa fase inicial foi a série de três jogos de basquete em cadeira rodas disputados entre cariocas e paulistas, que terminou com duas vitórias para os cariocas e uma para os paulistas.

A primeira competição internacional que o Brasil participou foi em Buenos Aires, na Argentina, nos II Jogos Panamericanos, no ano de 1969, enquanto a primeira participação paralímpica veio três anos mais tarde, nos Jogos de Heidelberg, na Alemanha, em que o país foi representado por dez atletas. Os atletas competiram no Basquete em Cadeira de Rodas, Atletismo, Natação e Tiro com Arco. No Basquete, o Brasil alcançou a quarta colocação, vencendo a Jamaica, a Irlanda e a Iugoslávia na fase classificatória, perdendo para a Bélgica na semifinal e para a Espanha na disputa de terceiro lugar.

As ações isoladas que ocorreram na fase embrionária do desenvolvimento do esporte paralímpico nacional tiveram o seu ápice em 1975, quando da participação nos Jogos Panamericanos para pessoas com Deficiências Físicas no México. Nesses

Jogos, o Brasil foi representado por duas delegações, uma paulista e outra carioca. Esse fato desencadeou uma exigência da Federação dos Jogos Internacionais de Stoke Manderville sobre a obrigatoriedade da formação de um órgão representativo nacional do esporte praticado pelas pessoas com deficiência. Desse modo, surgiu em 18 de agosto de 1975, a Associação Nacional de Desporto de Deficientes - ANDE.

A Delegação Brasileira nos Jogos de 1976, em Toronto, foi composta por 23 atletas com deficiência física, e o país teve as suas duas primeiras representantes no feminino Maria Alvares (Atletismo) e Beatriz Siqueira (Lawn Bowls). A representação brasileira conquistou a primeira medalha paralímpica de prata na Lawn Bowls na categoria duplas, com Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos da Costa. O Brasil realizou, em 1978, a quinta edição dos Jogos Panamericanos, na cidade do Rio de Janeiro. Uma marca muito forte dos eventos à época era a divisão na organização por áreas de deficiência, sendo esse em específico destinado aos atletas cadeirantes. Nos Jogos de 1980, o Brasil teve sua pior campanha, obtendo a 47ª colocação. A delegação era formada por atletas usuários de cadeira de rodas. No ano de 1983, foi criada a Confederação Brasileira de Desporto para Cegos (CBDC).

Entre os anos 80 e 90, o Brasil registrou um expressivo crescimento na quantidade de atletas deficientes, o que levou a organização de novas entidades esportivas. Em 1984, por exemplo, foram fundadas a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) e a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (Abradecar). No mesmo ano de 1984, as Olimpíadas de Verão foram em Los Angeles, nos Estados Unidos. Sob boicote dos países do grupo político pró-soviético, os jogos Paralímpicos foram em Nova York, nos Estados Unidos, e em Stoke Mandeville, cidade onde tudo começou, na Inglaterra.

Em Nova York, foram disputadas provas para cegos, amputados e paralisados cerebrais e, em Stoke Mandeville, para cadeirantes. Nesse evento com duas sedes, a delegação brasileira obteve 27 medalhas, sendo 21 em Stoke Mandeville e as outras seis em Nova York. Nestas duas cidades, os brasileiros obtiveram os primeiros ouros paralímpicos. Em Nova York, a deficiente visual Marcia Malsar foi a vitoriosa nos 200m rasos, com recorde mundial na época, e, em Stoke Mandeville, o cadeirante Amintas Piedade conquistou o primeiro lugar no arremesso de peso.

Em 1988, nos Jogos Paralímpicos de Seul, mesma sede das Olimpíadas, o Brasil subiu ao pódio 27 vezes, com quatro ouros, dez pratas e treze bronzes. No atletismo, brilhou intensamente a estrela de Luís Cláudio Pereira, que não apenas conquistou três ouros no arremesso de peso e lançamentos de disco e dardo, como também estabeleceu três recordes mundiais nessas provas. O Brasil terminou aquela edição em 25º lugar.

Os bons resultados e um começo de exposição na mídia foram levando adiante o Movimento Paralímpico brasileiro. Assim, o país começou a ter mais e mais atletas com necessidades especiais, o que levaria a criação de novas entidades, tais como a Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais (Abdem), em 1989, e a Associação Brasileira de Desportos para Amputados (ABDA), em 1990. Dois anos mais tarde, nas Paralimpíadas de Barcelona, entre 82 países, os brasileiros ficaram em 30º. O grande destaque seria a jovem velocista Adria Santos, deficiente visual que conquistou na Espanha seu primeiro ouro.

**Figura 1 - Criação do 1º comite paraolímpico**



Fonte: Jornal O Globo. Edição de 26 de julho de 1965. Matutino, caderno de esportes, p.3.

### **3.3 Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)**

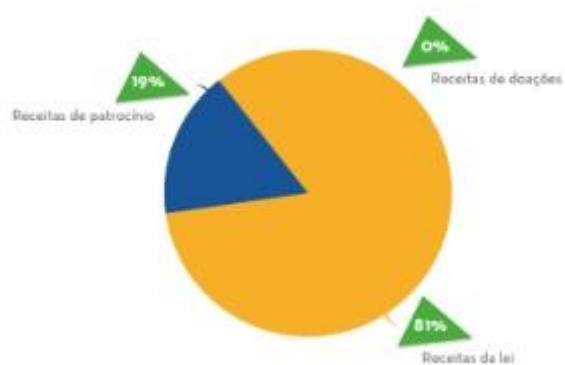
Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) é a entidade que rege o desporto paralímpico no Brasil. A partir da fundação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) em 22 de setembro de 1989, surgiu uma tendência mundial para a criação

de Comitês Paralímpicos Nacionais, os chamados National Paralympic Committees (NPCs). Com a realização dos Jogos de Barcelona em 1992, a formação dos NPCs já se tornava urgente: o IPC precisava ter como filiadas as entidades que possuísem representatividade em nível nacional e que agregassem modalidades para pessoas com todos os tipos de deficiência.

Portanto, a partir de 1993, a ideia de se criar um Comitê Paralímpico no Brasil começou a tomar corpo. Os representantes da ABRADCAR, ABDA, ABDC, ANDE e ABDEM debateram a criação do NPC brasileiro. Em decisão conjunta, no dia 9 de fevereiro de 1995, foi fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), com sede na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Apesar do curto período de existência, o CPB passou a colocar em prática uma de suas principais funções: a organização de eventos paralímpicos nacionais para desenvolvimento do esporte no país. Ainda em 1995, o CPB organizou os I Jogos Brasileiros Paradesportivos, em Goiânia. A segunda edição da competição foi realizada no Rio no ano seguinte. Em 19 de junho de 2002, a sede executiva Comitê Paralímpico Brasileiro foi transferida de Niterói para Brasília.

Esta medida foi tomada para colocar a entidade máxima do esporte paralímpico nacional na cidade que é o centro das decisões políticas do Brasil. Além disso, o comitê ganhou mais visibilidade e acessibilidade ao estar no centro geográfico do país. O Comitê Paralímpico Brasileiro passou a contribuir, progressivamente, para o fomento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência. As iniciativas foram desde a divulgação e organização de competições até o envio de atletas para eventos no exterior.

A aprovação da Lei Agnelo-Piva (Nº 10.264/2001) passou a destinar ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao CPB 2% da arrecadação bruta das loterias federais, sendo destes, 85% destinados ao COB e 15% ao CPB (BRASIL, 2001). Em 2015, a porcentagem do repasse foi alterada com a Lei da Inclusão (Nº 13.146/2015). A partir daí, 2,7% da arrecadação das loterias federais passou a ser destinado ao esporte. A divisão também mudou, e o CPB passou a receber 37,04% do arrecadado, e o COB, 62,96%. O CPB obteve uma fonte permanente de recursos financeiros, o que garantiu uma melhor experiência esportiva para os atletas brasileiros, conforme demonstra gráfico abaixo.

**Figura 2 - Fonte de recursos**

Fonte: CPB, 2016.

Como instituição, o CPB tem a missão de representar o Brasil ao Movimento Paralímpico Internacional, ao mesmo que, internamente, promove, organiza, desenvolve e incentiva a prática do esporte de alto rendimento por pessoas portadoras de deficiência. Trata-se também do gerenciador da participação de delegações brasileiras do país em competições sul-americanas, pan-americanas, mundiais e nos Jogos Paralímpicos. Em articulação com as diferentes organizações nacionais paralímpicas, o CPB é o promotor dos esportes paralímpicos no Brasil. Outra de suas prioridades é fazer com que o acesso dos portadores de deficiência ao esporte se torne universal.

Além disso, depois dos Jogos Rio 2016, o maior legado que o CPB recebeu foi à nova sede do Comitê Paralímpico Brasileiro em São Paulo. O Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro está localizado na Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, e tem instalações esportivas indoor e outdoor que servem para treinamentos, competições e intercâmbios de atletas e seleções em 15 modalidades paralímpicas: atletismo, basquete, esgrima, rugby e tênis em cadeira de rodas, bocha, natação, futebol de 5 (para cegos), futebol de 7 (para paralisados cerebrais), goalball, halterofilismo, judô, tênis de mesa, triatlo e vôlei sentado. Além disso, tem área residencial com alojamentos com capacidade para 280 pessoas, refeitório, lavanderia e um setor administrativo com salas, auditórios e outros espaços de apoio. No Centro de Treinamento, funciona a sede administrativa do CPB, na qual atuam mais de 150 profissionais de diversas áreas.



## **4 PARALIMPÍADAS RIO 2016**

### **4.1 Escolha do Rio e estrutura dos jogos**

Todo o processo de escolha da cidade sede dos jogos de 2016 começou 9 anos antes, em 2007. O processo de eleição da cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão de 2016 ocorreu entre 2007 e 2009 e contou com a participação de sete cidades de três continentes. Outras ainda planejaram participar do processo, mas não se inscreveram. Em 13 de setembro de 2007 encerrou-se o prazo de inscrições. Duas cidades da América (Chicago e Rio de Janeiro), duas da Ásia (Doha e Tóquio) e três da Europa (Baku, Madrid e Praga) oficializaram a candidatura. Em 4 de Junho de 2008 o Comitê Olímpico Internacional (COI) revelou o resultado das avaliações preliminares das sete cidades postulantes, eliminando Baku, Praga, Doha e tornando as quatro restantes em cidades candidatas: Rio de Janeiro, Madrid, Tóquio e Chicago.

A segunda fase começou com o Programa de Observação dos Jogos Olímpicos de Verão de 2008, em Pequim. Depois de elaborar seu livro de candidatura e receber a visita da Comissão Avaliadora do Comitê Olímpico Internacional, as cidades agora candidatas participaram, em junho, de um encontro, promovido pela primeira vez na história, com os membros do COI, que elegeriam a cidade-sede dos Jogos de 2016.

Em setembro de 2009, a Comissão Avaliadora divulgou o relatório com suas impressões sobre os projetos finalistas. Tóquio, a cidade que teve a nota preliminar mais alta, perdeu o favoritismo, principalmente devido aos baixos níveis de apoio popular que a candidatura recebia. Chicago sofreu com protestos internos e com problemas com as leis americanas. A candidatura de Madrid teve o projeto mais criticado, principalmente por causa da falta de clareza das leis antidoping da Espanha e da estrutura organizacional do comitê local. O Rio de Janeiro, apesar de ter tido boas notas, teve problemas com a acomodação e os transportes. As avaliações foram consideradas equilibradas, não sendo possível até então apontar alguma cidade como favorita, nem pelo presidente do COI, Jacques Rogge, nem pelos membros da entidade, que tinham o direito de escolher a vencedora, assim como por órgãos de imprensa e sites especializados.

A cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão de 2016 foi escolhida em 2 de outubro de 2009, em Copenhague, Dinamarca, durante a 121ª

Sessão do Comitê Olímpico Internacional. Para ganhar era preciso ter a maioria dos votos. Caso contrário, a cidade menos votada era eliminada até sobrares duas restantes. O temor do Rio, justamente, era não passar da primeira rodada já que depois havia a expectativa de que teria o apoio de votos das cidades eliminadas. A candidatura foi ganhando força. Na primeira rodada, Madrid apareceu em primeiro lugar com dois votos a mais que o Rio. Chicago ficou em último e foi eliminada. Na segunda rodada, o cenário mudou. Rio herdou muitos votos de Chicago e chegou perto da maioria dos votos. Tóquio foi eliminada. Na finalíssima, o Rio levou 66 votos contra 32 de Madri e garantiu a primeira Olimpíada a ser realizada na América do Sul.

Escolhido o Rio como cidade-sede dos jogos de 2016, as obras pela cidade, desde arenas ao transporte público, começaram. Vale lembrar também que o Brasil foi o país sede da Copa do Mundo de 2014 e o Estádio do Maracanã foi palco da grande final disputada entre Alemanha e Argentina, vencida pelos alemães por 1 a 0. As modalidades foram distribuídas em quatro regiões do Rio. A maioria dos eventos seria realizada na Zona Oeste da cidade, na região da Barra da Tijuca. Nos locais na área do Parque Olímpico do Rio, complexo esportivo e de lazer, estão situadas as três Arenas Cariocas, Centro Olímpico de Tênis, Velódromo, a raia Olímpica do Rio e o Parque Aquático Maria Lenk, além de dois hotéis da rede Marriott, prédios que abrigaram o Centro Internacional de Transmissão e o Centro Principal de Mídia e o Terminal Centro Olímpico. O Parque Olímpico também abrigou as estruturas temporárias do Estádio Aquático Olímpico e da Arena do Futuro.

O maior espaço para os jogos em termos de capacidade foi o Estádio do Maracanã, oficialmente conhecido como Estádio Jornalista Mário Filho, que abriga 90 mil espectadores, que foi a sede das Cerimônias de Abertura e Encerramento do evento. A região de Deodoro, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, foi palco das competições de hipismo, de ciclismo, de bike, de ciclismo BMX, de pentatlo moderno, de esportivo, de canoagem slalom, de hóquei sobre grama, de rúgbi e de basquete nos Jogos Olímpicos; de futebol de 7, tiro esportivo, hipismo e esgrima em cadeira de rodas nos Jogos Paralímpicos. No bairro de Copacabana, os atletas do ciclismo de estrada, da vela, do remo, da canoagem e do paratriatlo, teriam a oportunidade de tornar a visita à Copacabana um momento ainda mais inesquecível. Foram essas as modalidades que seriam disputadas no complexo

esportivo, que conta com o Parque do Flamengo, a Lagoa Rodrigo de Freitas, a Marina da Glória e o Forte de Copacabana.

#### **4.2 Os jogos**

Com o slogan “O mundo novo”, o Rio se tornou a capital mundial do paradesporto em 2016. A cidade recebeu mais de 4.350 atletas de 176 países para competir em 23 modalidades nos Jogos Paralímpicos. A competição foi realizada entre os dias 7 e 18 de setembro. Com regras e categorias específicas para cada tipo de deficiência, as Paralimpíadas distribuíram mais medalhas do que as próprias Olimpíadas: foram exatas 528 provas que valeram 265 medalhas masculinas, 225 femininas e 38 mistas em disputas nas arenas durante os onze dias de competição.

O Time Brasil participou como anfitrião dos Jogos Paralímpicos. O país estreou nas Paralimpíadas em 1972 e esta foi a sua 12ª participação. Pela primeira vez na história, o país teve atletas participando em todas as modalidades que compõem o programa de competições. Para estes jogos, a meta do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) era terminar a competição no Top 5 (cinco) do quadro de medalhas, porém, o Brasil terminou na 8ª posição no quadro de medalhas, com 14 ouros, 29 pratas e 29 bronzes.

**Figura 3 - Quadro de medalhas Rio 2016**

**QUADRO DE MEDALHAS**

**Rio 2016**

	País				TOTAL
1	 China	107	81	51	239
2	 Grã-Bretanha	64	39	44	147
3	 Ucrânia	41	37	39	117
4	 Estados Unidos	40	44	31	115
5	 Austrália	22	30	29	81
6	 Alemanha	18	25	14	57
7	 Holanda	17	19	26	62
8	 Brasil	14	29	29	72
9	 Itália	10	14	15	39
10	 Polônia	9	18	12	39

Fonte: IPC, 2016.

O mundo presenciou grandes atletas com alto rendimento nas mais diversas modalidades. A delegação brasileira no paradesporto sempre foi uma potência, mesmo com investimentos e patrocínios muito abaixo do esperado. Mas, para se falar das Paralimpíadas, ou seja, do maior evento esportivo mundial envolvendo pessoas com deficiência, incluindo atletas com deficiências físicas (de mobilidade, amputações, cegueira ou paralisia cerebral), além de deficientes mentais, primeiro deve-se entender um pouco sobre os tipos de deficiência física.

O documento “A inserção da pessoa portadora de deficiência e do beneficiário reabilitado no mercado de trabalho; Ministério Público do Trabalho (MPT)/Comissão de Estudos para inserção da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho”, de Brasília/DF - 2001 estabelece os vários tipos de deficiência física:

**Quadro 2 - Tipos de deficiência física**

Paraplegia	perda total das funções motoras dos membros inferiores.
Paraparesia	perda parcial das funções motoras dos membros inferiores.
Monoplegia	perda total das funções motoras de um só

	membro (inferior ou superior)
Monoparesia	perda parcial das funções motoras de um só membro (inferior ou posterior).
Tetraplegia	perda total das funções motoras dos membros inferiores ou superiores.
Tetraparesia	perda parcial das funções motoras dos membros inferiores e superiores.
Triplegia	perda total das funções motoras em três membros.
Triparesia	perda parcial das funções motoras em três membros.
Hemiplegia	perda total das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo).
Hemiparesia	perda parcial das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo).
Amputação	perda total ou parcial de um determinado membro ou segmento de membro.
Paralisia cerebral	lesão de uma ou mais áreas do sistema nervoso central, tendo como consequência alterações psicomotoras, podendo ou não causar deficiência mental.
Ostomia	intervenção cirúrgica que cria um ostoma (abertura, óstio) na parede abdominal para adaptação de bolsa de coleta; processo cirúrgico que visa a construção de um caminho alternativo e novo na eliminação de fezes e urina para o exterior do corpo humano (colostomia: ostoma intestinal; urostomia: desvio urinário).

Fonte: MPT. Brasília, 2001.

Com um chamado à inclusão que vai muito além das medalhas, os Jogos Paralímpicos Rio 2016 conseguiram levar a mensagem de união, de capacidade e de que pessoas com deficiência podem ser, sim, grandes atletas. Essa mensagem foi passada para o mundo inteiro. A cada dia centenas de histórias foram contadas, que consagraram o alto rendimento no esporte para pessoas com deficiências. Foram 11 dias de competição com a presença de mais de 4,3 mil atletas paralímpicos de 160 países. O Brasil levou o maior número de representantes na história dos Jogos Paralímpicos: 286 atletas. Esforço recompensado em forma de pódios. Foram 72 ao total.

**Figura 4 - Quadro de medalhas do Brasil nos Jogos Paralímpicos**

Edição dos Jogos Paralímpicos	Ouro	Prata	Bronze	Total
1976 Toronto	0	1	0	1
1984 Stoke Mandeville (GBR), Nova Iorque (USA)	7	17	4	28
1988 Seul	4	9	14	27
1992 Barcelona	3	0	4	7
1996 Atlanta	2	6	13	21
2000 Sydney	6	10	6	22
2004 Atenas	14	12	7	33
2008 Pequim	16	14	17	47
2012 Londres	21	14	8	43
2016 Rio de Janeiro	14	29	29	72
<b>TOTAL MEDALHAS</b>	<b>87</b>	<b>112</b>	<b>102</b>	<b>301</b>

Fonte: CPB, 2016.

Com grande contribuição dos atletas brasileiros, a Paralimpíada brasileira teve impressionantes 432 recordes quebrados e 2347 medalhas distribuídas. Foram 220 recordes mundiais registrados e 212 recordes paralímpicos quebrados. As maiores destas marcas aconteceram nas modalidades de Atletismo, Ciclismo de pista, Natação, Levantamento de Peso, Tiro com arco, Tiro e Remo. Um dos recordistas brasileiros foi o velocista Petrucio Ferreira, de apenas 19 anos. Ele foi medalha de ouro nos 100 metros T47 com direito a recorde mundial (10s57). Ele ainda levou duas medalhas de prata: no revezamento 4x100 metros e nos 400 metros, prova que não é a sua especialidade.

Daniel Dias entrou para a história da natação. O nadador brasileiro fez história em casa conquistando quatro ouros, três pratas e dois bronzes e chegou a 24 medalhas Paralímpicas na natação, tornando-se o recordista do esporte entre os homens, superando o nadador australiano Matthew Cowdrey, que tem 23. Os destaques internacionais também foram de tirar o fôlego. Um dos recordes quebrados, e talvez o mais impressionante deles, veio no halterofilismo. Ouro em Londres 2012, o iraniano Siamand Rahman focou sua preparação para o Rio 2016 em uma meta específica: ser o primeiro a quebrar a barreira dos 300kg no esporte. Ele conseguiu, e com estilo. Depois de garantir o ouro com 305kg, e impressionantes 70kg de diferença para o vice-campeão, o gigante chocou o mundo ao erguer 310kg.

Na pista do Estádio Olímpico, a cubana Omara Durand, de apenas 24 anos, venceu as provas dos 100m, 200m e 400m da classe T12, com direito à quebra dos recordes mundiais da primeira e da última distância. Em Londres 2012, ela venceu os 100m e 400m da classe T13. No ciclismo, o ex-piloto italiano de Fórmula 1, Alessandro Zanardi, competiu em três provas do ciclismo de estrada

no Rio 2016 e deixou os Jogos com dois ouros (no contrarrelógio H5 e no revezamento misto H2-5) e uma prata (na prova de estrada H5), conquistada no dia do aniversário de 15 anos do acidente que resultou na perda de suas duas pernas. O italiano é, agora, o maior medalhista da história do esporte, com quatro ouros e duas pratas.

A seleção brasileira de futebol de 5 está invicto desde a inclusão do esporte nos Jogos Paralímpicos, em Atenas 2004. O time ganhou seu quarto ouro consecutivo comandada pelos craques Jefinho, que decidiu a semifinal contra a China, e Ricardinho, que marcou o gol do título na vitória por 1 a 0 sobre o Irã na final. Apesar a incerteza antes do início da competição, a venda de ingressos crescente mostrou que a Paralimpíada ganhou o coração dos brasileiros. Com mais de 2 milhões de ingressos vendidos, a Paralimpíada Rio 2016 teve a segunda maior bilheteria da história do evento. Perde apenas para os Jogos de Londres-2012 (2,8 milhões), mas supera com folga a segunda melhor marca registrada em Pequim- 2008 (1,7 milhão).

Foram 23 as modalidades dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. São elas: Atletismo, Basquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Canoagem velocidade, Ciclismo de estrada, Ciclismo de pista, Esgrima, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judo, Natação, Remo, Rúgbi, Tênis de Mesa, Tênis em cadeira de rodas, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela e Vôlei Sentado.

Nos Jogos Paralímpicos, dentro dos 13 tipos de deficiência e das 23 modalidades, também ocorre a classificação funcional. A necessidade de classificar os atletas remonta às edições dos Jogos de Stoke Mandeville, quando os organizadores discriminaram os que tinham lesão medular completa e os que tinham incompleta. Essa divisão pretende garantir que os atletas tenham condições de rendimento similares, mas tomava como parâmetro o diagnóstico médico sem levar em conta a capacidade de produzir movimento. Posteriormente, dada a limitação desse critério, criou-se o sistema de classificação funcional, que classifica os atletas em função de sua capacidade de realizar movimentos considerando as potencialidades dos resíduos musculares decorrentes de sequelas.

**Figura 5 - Cronologia da classificação funcional**

Fonte: CPB, 2016.

Em seguida, determinou-se que cada modalidade estabeleceria seus próprios critérios de classificação. Esse sistema foi chamado classificação baseada em evidências, que agrupa os atletas em classes esportivas considerando o quanto o impedimento afeta as atividades fundamentais em cada modalidade ou prova. É conhecido também como classificação de atleta. A equipe de classificação é composta por um médico, um fisioterapeuta e um professor de educação física. Esta avaliação inclui três estágios: médico, funcional e técnico. Os esportes em que mais há variações na classificação funcional são a natação e o atletismo. A seguir, usa-se o exemplo de como a natação e o atletismo são classificados:

### **Quadro 3 - Classificação funcional**

#### **Natação**

S	Swimming – natação
SB	Swimming breast – peito
SM	Swimming medley – medley
S1 a S10	Deficiência físico-motora
S11 a S13	Deficiência visual

#### **Atletismo**

T – track	Prova de pista
F – Field	Prova de campo
11, 12 e 13	Deficientes visuais
20	Deficientes intelectuais
31 a 38	Paralisados cerebrais
40 e 41	Baixa estatura



42 a 47	Amputados de membros inferiores ou superiores
51 a 57	Cadeirantes (polio, lesão medular, amputação)

Fonte: IPC, 2016.

Para os 11 dias de jogos, foram disponibilizados cerca de 3,3 milhões de ingressos para os Jogos Paralímpicos, segundo dados do comite local dos jogos. Nas Olimpíadas Rio 2016, no quadro de medalhas, os atletas Paralímpicos brasileiros tiveram melhores resultados comparados aos atletas Olímpicos. Mesmo com alto desempenho, os jogos e atletas paralímpicos receberam uma cobertura midiática inferior aos olímpicos. A Olimpíada foi transmitida ao vivo pela Rede Globo, maior emissora do país, já a Paralímpiada teve espaço apenas na rede pública da TV Brasil, enquanto, em outros canais, recebeu apenas poucos segundos de tempo de televisão. Esse exemplo mostra a baixa cobertura da mídia aos esportes adaptados. No resultado das Paralimpiadas, o Brasil ficou com a 8ª posição, contabilizando 72 medalhas. Em contrapartida, nas Olimpíadas, ocupou a 13ª posição, com 19 medalhas. Porém, durante as competições, as mídias deram maior destaque aos Jogos Olímpicos.

Essa ambiguidade nas formas de abordagem midiáticas pode ser justificada pelo fato de que a notícia é boa quando gera audiência e apelo comercial para o meio de comunicação, sendo este o principal critério para a escolha do modo de construir e transmitir o fato noticiado (BOURDIEU, 1997). Ou seja, destacar as limitações e a superação das dificuldades impostas pela deficiência ou apontar os feitos esportivos dos atletas são opções adotadas pelos meios de comunicação, que sintetizam abordagens mais ou menos sensacionalistas (SILVA; HOWE, 2012; MARQUES *et al.*, 2014).

Houve um tempo e até bem recentemente, que o paralimpismo era visto como o movimento que reunia as modalidades adaptadas para pessoas que tinham uma espécie de válvula de escape para seus problemas e deficiências. Tal interpretação, erroneamente, só impedia ou dificultava que se compreendesse a grandeza do esporte paralímpico na sua grandeza.

O paralimpismo está longe de ser “um esporte de coitados” ou de “sofredores”. Muito longe. É esporte na mais pura essência, porque inclui a competitividade, a busca por resultados, regras aceitas internacionalmente, o fascínio, o suor, o sorriso da vitória, a lagrima do insucesso, tanto quanto as modalidades praticadas por pessoas ditas normais. Enquanto milhões de pessoas se abatem diante de dificuldades as mais variadas, os atletas paralímpicos são

especialistas em transformar em motivações coisas que levariam esses mesmos milhões a loucura ou a depressão (NOGUEIRA, 2017, p. 44).

Com esse aumento de esportes durante as edições dos Jogos, o interesse da mídia foi aumentando aos poucos, mas nada muito significativo. Em Sydney 2000, na Austrália, foram 2.300, enquanto nas Olimpíadas, 16.033 jornalistas. Em Atenas, 2004, foram 3.000 jornalistas e, em Pequim, 2008, foram 4 mil credenciais de imprensa cedidas. Já na Paralimpíada de Londres em 2012, esse número chegou a 7000 profissionais, de acordo com dados do Comitê Paralímpico Internacional. Nos jogos Rio 2016, 10 mil profissionais cobriram os jogos, ante 30 mil que cobriram as Olimpíadas, como os dados do Comitê organizador dos jogos revelam.

Se compararmos os primeiros Jogos Paralímpicos em Roma 1960 e os seus 400 atletas e 23 países participantes com os do Rio 2016 que contou com a participação de 4.500 atletas e 176 países, podemos observar o crescimento nítido na participação de atletas nesse evento. Se tratarmos de números, podemos observar que, nos Jogos Paralímpicos de Sydney 2000, o Brasil terminou a competição em vigésimo quarto lugar no quadro de medalhas. Em Londres 2012, o Brasil subiu dezessete posições, terminando a competição em sétimo lugar geral. Já na edição abordada no presente trabalho, Rio 2016, o Brasil acabou a competição na oitava posição. Ou seja, em 16 anos, nosso país subiu 16 posições no quadro final da competição.

**Figura 6 - Evolução do Brasil nos Jogos Paralímpicos**

Colocação	1996 Atlanta	2000 Sydney	2004 Atenas	2008 Pequim	2012 Londres	2016 Rio
1º	USA	AUS	CHN	CHN	CHN	CHN
2º	AUS	GBR	GBR	GBR	RUS	GBR
3º	GER	CAN	CAN	USA	GBR	UKR
4º	GBR	ESP	USA	UKR	UKR	USA
5º	ESP	USA	AUS	AUS	AUS	AUS
6º	FRA	CHN	UKR	RSA	USA	GER
7º	CAN	FRA	ESP	CAN	BRA	NED
8º	NED	POL	GER	RUS	GER	BRA
9º	CHN	KOR	FRA	BRA	POL	ITA
10º	JPN	GER	JPN	ESP	NED	POL
11º	POL	CZE	RUS	GER	IRI	FRA
12º	KOR	JPN	CZE	FRA	KOR	NLZ
13º	SWE	RSA	RSA	KOR	ITA	ESP
14º	ITA	RUS	BRA	MEX	TUN	CAN
15º	RSA	NED	MEX	TUN	CUB	UZB
	BRA (37º)	BRA (24º)				

Fonte: CPB, 2016.

Logo após o término dos jogos, o presidente do CPB Andrew Parsons comentou, em entrevista coletiva<sup>3</sup> sobre o desempenho dos atletas do time Brasil nos jogos:

O CPB está extremamente satisfeito com a campanha. Claro que tínhamos uma meta de ficar em quinto lugar através dos ouros, mas havia uma série de outras metas, e todas elas foram alcançadas. Houve um aumento de 65% de medalhas em relação a Londres. Sob essa ótica foi à melhor participação da história. Destaque para o aumento das modalidades a medalharem, quatro delas pela primeira vez na história, referindo-se a canoagem, ciclismo, vôlei sentado e halterofilismo (WERLANG; REBELLO, 2016).

Os Jogos Paralímpicos atraíram 243 mil turistas ao Rio, segundo dados da Secretaria de Estado de Turismo do Rio de Janeiro (SETUR). Foi da Paralimpíada o recorde de público do Parque Olímpico: 172 mil pessoas, no dia 10 de setembro. Durante o período, a movimentação gerou R\$ 410 milhões em renda. Além de gerar receita para a cidade, também contribuiu para a melhoria na mobilidade: 2.600 ruas receberam urbanização e acessibilidade, outros locais também foram contemplados com rotas acessíveis. Para essas melhorias, houve um investimento de R\$ 2 bilhões, em que 59 bairros foram beneficiados, em especial na Zona Norte e Zona Oeste do Rio de Janeiro. De acordo com levantamento da consultoria Nielsen Sports, a audiência acumulada da Paralimpíada do Rio foi de

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://abre.ai/auU4>>.

4,1 bilhões de pessoas, um aumento de 7% em comparação aos Jogos de Londres, vistos por 3,8 bilhões de pessoas ao redor do mundo em 2012. Isso foi possível graças a um expressivo aumento na cobertura internacional.

A Paralimpíada do Rio foi transmitida para 154 países, 39 a mais do que a de Londres, e quase o dobro dos 80 que exibiram os Jogos de Pequim. A edição carioca teve mais horas de transmissão do que as de Londres e Pequim somadas. Ainda de acordo com o relatório, não só a transmissão em vídeo cresceu, como outras 1 bilhão de pessoas se engajaram com os Jogos a partir de plataformas de vídeo online. “Em perspectiva, a audiência acumulada da Paralimpíada cresceu 127% em 12 anos”, comemorou Alexis Schaefer, diretor comercial e de marketing do IPC. No Brasil, a Paralimpíada foi exibida durante 247 horas, atingindo uma audiência acumulada de 472 milhões de pessoas (se uma pessoa assiste 10 eventos, ela é contada 10 vezes).

Pierre Boudieu, em seu livro "Sobre a televisão", discorre sobre números de audiência na TV:

O extraordinário, buscado pelos jornalistas, acaba sendo o ordinário dentre os jornais, devido à circulação circulante de informações. O peso da televisão nessa relevância de assuntos é determinante – é determinante e central o assunto quando retomado pela TV. Todos estes, ainda, estão sujeitos às pressões dos índices de audiência. A lógica comercial se impõe às produções culturais. Nas lutas pelo índice de audiência e concorrência pela fatia do mercado, as emissoras apelam para o sensacionalismo; a busca do sensacional significa sucesso comercial (BOURDIEU, 1997),

Com o sucesso de audiência das Paralimpíadas na TV Brasil, o canal se destacou dos demais justamente por transmitir os Jogos, a maior festa do paradesporto mundial. Na teve aberta, o único canal transmissor dos jogos (mais o SporTV na grade fechada) conseguiu 10 horas diárias de transmissão ao vivo das mais diversas modalidades.

### **4.3 Direitos de transmissão: relações comerciais com a mídia**

Por que um canal não exibe todo os jogos que os assinantes queiram assistir? Essas questões estão sempre na roda de amigos que até algum tempo atrás tinham pouca informação a respeito deste universo. No Brasil, o esporte começou a ser explorado como um negócio vantajoso pela televisão somente na década de 1980, quando a Rede Globo adquiriu com exclusividade a transmissão da Copa do Mundo de 1982 e obteve bons resultados na venda de publicidade.

Os modelos de funcionamento deste mercado variam muito ao redor do planeta. O campeonato de futebol da 1ª divisão da Inglaterra, por exemplo, comercializa diversos pacotes diferentes com diversos parceiros. Já o Campeonato Brasileiro é vendido de acordo com o formato da mídia (TV aberta, TV fechada e Pay-per-view), enquanto outros campeonatos podem ser negociados na íntegra para uma só emissora. Quem decide o modelo a ser usado é quem vende, e esse processo vem sendo atualizado constantemente conforme o mercado vai crescendo e se profissionalizando.

Hoje, há várias mudanças com a evolução da tecnologia e o surgimento de novas mídias, principalmente a facilidade da transmissão ao vivo pela internet e pelo grande número de pessoas que estão ativas nas redes sociais. É possível, então, que uma determinada emissora compre os direitos de um campeonato, mas não compre todos os jogos, como, por exemplo, uma emissora pode comprar apenas jogos de um determinado time. Ela pode ter exclusividade nos jogos que transmite, mas não no campeonato como um todo. As mídias audiovisuais (internet e televisão) e radiofônicas normalmente têm a possibilidade de comprar direitos de imagem e transmissão de competições esportivas, neste caso, dos Jogos Paralímpicos. Diferentemente, as mídias escritas (jornais, revistas e portais) estabelecem sua relação com o esporte através de um credenciamento para a cobertura das competições, sem precisar conformar uma relação contratual e comercial com as instituições esportivas.

O relacionamento entre a mídia e o esporte, por meio das negociações e contratos dos direitos de transmissão representa, de acordo com Pires (2006), o segundo estágio do processo de espetacularização do fenômeno esportivo. No primeiro estágio, o esporte foi apropriado e utilizado como meio de exposição de

produtos e marcas interessadas em ganhar visibilidade com a publicidade no espetáculo midiático-esportivo. No segundo estágio, através da venda e concessão dos direitos de transmissão, o esporte tornou-se “a própria mercadoria a ser negociada” (PIRES, 2006, p. 6). Tal situação implica, segundo o autor, em uma crescente submissão do esporte aos ditames, lógicas, códigos e temporalidades da indústria midiática que entra como sócia do negócio, visando sempre ao lucro.

Pierre Bourdieu, afirma: “nas lutas pelo índice de audiência e concorrência pela fatia do mercado, as emissoras apelam para o sensacionalismo; a busca do sensacional significa sucesso comercial. Dominantes (reconhecidos) costumam também enunciar veredictos na TV” (BOURDIEU, 1997).

O autor defende a luta contra os índices de audiência, em nome da democracia, afirmando que a TV exerce sobre o consumidor, supostamente livre e esclarecido, as pressões do mercado, que em nada é um princípio democrático:

A televisão também “oculta mostrando”, segundo Bourdieu, quando mostra uma coisa diferente do que deveria mostrar, de um jeito insignificante ou mesmo com outro sentido. Aqui nesse trecho vale ressaltar o papel da grande mídia quando noticiado sobre os atletas paralímpicos, sempre os tratando como casos de superação ou de super-heróis e nunca como atletas de alto rendimento sempre buscando melhorar seu rendimento (BOURDIEU, 1997).

Para as Olimpíadas, a negociação dos direitos de transmissão com os veículos de comunicação foi um dos pilares da transformação delas em um fenômeno social e midiático comercialmente rentável. Os detentores dos direitos passaram a fazer parte do programa TOP (The Olympic Partners – Os Parceiros Olímpicos), juntamente às empresas patrocinadoras da marca, e, assim, puderam explorar midiaticamente todos os símbolos e rituais olímpicos durante os quatro anos de cada ciclo dos Jogos. Esta foi a virada da sobrevalorização da marca olímpica, que tem como marco inicial a edição dos jogos de 1984, em Los Angeles (PAYNE, 2006).

O esporte paralímpico no Brasil começou a estabelecer uma relação comercial mais intensa com a grande mídia a partir das Olimpíadas de 2012 em Londres, na Inglaterra. Até então os direitos de transmissão do megaevento eram comprados pelo próprio CPB e concedidos gratuitamente às emissoras que tivessem interesse e espaço para veicular os Jogos Paralímpicos. Vale destacar

que o próprio CPB pagava a viagem e todas as despesas para os jornalistas cobrirem o evento. Em contrapartida, os jornalistas escreviam matérias positivas em suas instituições. A partir de 2016, o grupo Globo comprou o direito de transmissão dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 até 2032 (ao todo são 20 edições, as 10 edições dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão e as 10 edições dos Jogos de Inverno). A venda foi estimada em torno de 7 bilhões. Para os Jogos Paralímpicos de 2016, a Globo negociou um contrato de sublicenciamento com a EBC (Empresa Brasil de Comunicação) no valor de R\$ 495.868,00 (quatrocentos e noventa e cinco mil e oitocentos e sessenta e oito reais), compartilhando os direitos para a tevê aberta com a TV Brasil.

Um fato marcante também aconteceu no dia de início dos jogos, 7 de setembro, horas antes da cerimônia de abertura. A TV Cultura de São Paulo pediu a EBC para transmitir os jogos, mas a Gerência de Jornalismo não autorizou pelo fato da TV Cultura não fazer parte do grupo das TV's públicas do Brasil, pois ela é controlada pelo governo do Estado de São Paulo. Então, iniciou-se nas redes sociais a campanha com a hashtag #LiberaOSinalEBC. Sem resposta, o Departamento de Jornalismo da TV Cultura fez um pedido para Rede Globo e conseguiu a autorização para retransmitir o sinal do International Broadcast Center (IBC), passando a exibir a abertura uma hora depois de seu início. Logo depois, o canal anunciou que iria exibir algumas modalidades. Após o impasse, a TV Brasil e a TV Cultura passaram a exibir, em conjunto, o evento, do qual a Cultura retransmitia as imagens geradas pela TV Brasil.

## **5 ESTUDO DE CASO SOBRE A TV BRASIL**

### **5.1 Criação da Tv Brasil**

Ao iniciar suas transmissões, em 2 de dezembro de 2007, a TV Brasil veio atender à antiga aspiração da sociedade brasileira por uma televisão pública nacional, independente e democrática. Sua finalidade é complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania. A TV Brasil tem sua origem na TV Nacional de Brasília e na TVE do Rio.

Para falarmos de televisão pública no Brasil, devemos voltar para 1975. A TV Educativa do Rio de Janeiro foi uma emissora de televisão pública brasileira, de cunho educativo e público que era mantida pela Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto. Inaugurada no dia 5 de novembro de 1975, a TVE fez sua primeira transmissão através do canal 2, ainda em caráter experimental. Ela só passou a operar em definitivo no dia 4 de fevereiro de 1977, exibindo 6 horas de programação diária. Foi idealizada pelo professor Gilson Amado, que já havia realizado experiências em programação educativa no rádio e na tevê. O jornalista Amado defendia a televisão pública como instrumento de ensino a distância.

Além da TV Brasil, a Empresa Brasil de Comunicação é ainda a responsável por outros veículos: Agência Brasil, Radiogência Nacional, Rádio Nacional AM e FM de Brasília, Rádio Nacional AM do Rio de Janeiro, Rádios MEC AM e FM do Rio de Janeiro, Rádio MEC AM Brasília, Rádio Nacional da Amazônia e Rádio Nacional do Alto Solimões, com sede em Tabatinga, no Amazonas. No ar desde 2 de dezembro de 2007, A TV Brasil é resultado da criação da Empresa Brasil de Comunicação, em outubro do mesmo ano pelo Decreto 6.246 do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT). A nova emissora pública é a consequência da movimentação de vários setores pela regulação da complementaridade entre os sistemas público, privado e estatal de comunicação, até então inexistente, presentes no capítulo sobre Comunicação Social, em especial aos artigos 220, 221 e 223 da Constituição Federal.

O artigo 220 tem por princípio geral a ampla liberdade de expressão, já consagrado pelo art. 5º, IV da Carta Constitucional, só que aplicado especificamente à comunicação social. Outros princípios também podem ser extraídos desta norma constitucional, entre eles o da liberdade de informação, que



abrange tanto o direito de informar quanto o de ser informado. As regras constitucionais da comunicação, além do disposto pelo artigo 220, estão previstas no artigo 221, que trata das restrições da liberdade de comunicar. O artigo 223 dispõe sobre a propriedade das empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e televisiva. A Constituição regulamenta a competência do Poder Executivo para outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens.

Constituída sob a forma sociedade anônima de capital fechado, a TV Brasil é a junção dos patrimônios da Empresa Brasileira de Comunicação (antiga Radiobrás) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp), gestora da TVE do Rio. A iniciativa proveio de amplo processo de debate, começado pelo Ministério da Cultura, que, por intermédio da Secretaria do Audiovisual e em parceria com a Casa Civil e o gabinete da Presidência da República, culminou no I Fórum Nacional das TVs Públicas realizado em abril de 2007.

O projeto da TV Brasil foi apresentado como Medida Provisória publicada em 10 de outubro no Diário Oficial da União. Uma semana depois de criada, a MP recebeu 152 emendas e em 22 de novembro, o deputado Walter Pinheiro (PT – BA) foi escolhido como seu relator. Mesmo com a medida provisória ainda em tramitação no Congresso, ela foi ao ar em dois de dezembro de 2007, com um acordo de formação de rede com vinte emissoras públicas, educativas e universitárias de todo o país, o que permitia, desde o início, o estabelecimento de um sistema de colaboração na transmissão e produção de conteúdo. Hoje possui programação de abrangência nacional, com presença em Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), São Luís (MA) e em mais 21 estados por meio das emissoras de televisões parceiras.

**Figura 7 - Logo tv Brasil**



Fonte: EBC, 2016.

Na programação atual, destina 20% das horas da sua programação para produção audiovisual independente no País. Com o auxílio das afiliadas, a emissora pode cobrir temas em diversos pontos do país. Atualmente, a programação da emissora conta com quatro horas diárias de produção independente e regional, além de alguns programas veiculados por outras emissoras públicas. É dividida em faixas temáticas: infantil (hoje é a tevê aberta que mais transmite desenhos animados no Brasil), audiovisual, cidadania (política e economia) e esportes.

Segundo os idealizadores, a TV Brasil deveria se inspirar, em termos de conteúdo, de posicionamento político e de gestão administrativa e financeira, principalmente, nos casos de sucesso de outras TVs públicas, tais como BBC, da Inglaterra, France Television, da França, a ARD e a ZDF, da Alemanha, a CBC, do Canadá, a PBS, dos Estados Unidos da América, a RTP, de Portugal e a TVE, da Espanha. Inicialmente a TV Brasil trabalharia com uma verba orçamentária no valor de R\$ 350 milhões destinados pelo governo federal. De acordo com o estatuto jurídico da EBC, a empresa poderia licenciar e comercializar produtos próprios, sendo vedado, no entanto, a veiculação de publicidade comercial.

Os documentos de criação da TV Brasil afirmam que a emissora é uma resposta às demandas da sociedade, para desempenhar um papel de complementaridade no panorama televisivo:

A TV Brasil veio atender à antiga aspiração da sociedade brasileira por uma televisão pública nacional, independente e democrática. Sua finalidade é complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania (EBC, 2017).

No site oficial da EBC, empresa gestora da TV Brasil, aborda-se o posicionamento dos veículos por ela geridos, definindo-os como distintos dos canais estatais e complementares aos canais privados:

A Empresa Brasil de Comunicação é uma instituição da democracia brasileira: pública, inclusiva e cidadã. Criada em 2007 para fortalecer o sistema público de comunicação, é gestora dos canais TV Brasil, TV Brasil Internacional, Agência Brasil, Radioagência Nacional e do sistema público de Rádio – composto por oito emissoras. Estes, por sua independência editorial, distinguem-se dos canais estatais ou governamentais, com conteúdos diferenciados e complementares aos canais privados. Os veículos da EBC têm autonomia para definir produção, programação e distribuição de conteúdos. Atualmente, são

veiculados conteúdos jornalísticos, educativos, culturais e de entretenimento com o objetivo de levar informações de qualidade sobre os principais acontecimentos no Brasil e no mundo para o maior número de pessoas. A sua estrutura é formada por: Assembleia Geral; Órgãos da Administração (Conselho de Administração e Diretoria Executiva) e Órgãos de Fiscalização (Conselho Curador, Conselho Fiscal e Auditoria Interna) (EBC, 2014).

Em janeiro de 2019, a TV Brasil passou a ocupar a 7ª posição da emissora mais vista do país. É a melhor colocação da TV desde a sua criação em 2007. O Ibope marcou 0,41 ponto, entre os canais abertos e fechados mais vistos do país.

Confira o ranking<sup>4</sup> das TVs abertas e fechadas com os 10 maiores ibopes em pontos e share (%):

#### Quadro 4 - Ibope: 10 maiores audiências

1º Globo	14,63 pontos e 33,79%
2º Record	7,06 pontos e 16,31%
3º SBT	6,31 pontos e 14,56%
4º Band	1,50 ponto e 3,46%
5º RedeTV	0,66 e 1,53%
6º TV Cultura	0,44 e 1,03%
7º <b>TV Brasil</b>	0,41 e 0,94%
8º SporTV	0,40 e 0,92%
9º Cartoon Network	0,40 e 0,92%
10º Discovery Kids	0,37 e 0,84%

Fonte: UOL, 2019.

Em agosto de 2018, a TV Brasil já figurava no top 10 de emissoras mais vistas do país, tendo conseguido 64% de aumento de audiência desde 2016. Em julho de 2016, a TV Brasil marcava 0,19 ponto e 0,41 de share (que considera apenas os televisores ligados). Em junho de 2015, registrou 0,31 pontos e 0,67% de share, passando de 27ª para a 10ª posição.

O destaque de toda a programação da TV Brasil neste trabalho será direcionado para o Programa Especial, apresentado por Fernanda Honorato, a primeira repórter com Síndrome de Down do Brasil reconhecida pelo ranking Brasil a ter um programa na TV aberta. Além disso, Fernanda tem as seguintes premiações: Prêmio Sentidos 2009 Categoria: artes/talentos especiais; Conjunto de medalhas do mérito Pedro Ernesto; Rio sem Preconceito; Mérito Desportivo

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://abre.ai/auVb>>.

Militar; Prêmio Claudia 2007, categoria Trabalho Social. Honorato também já foi Musa da Portela, escola de samba do grupo especial do Rio de Janeiro, e recebeu das mãos do Príncipe inglês Harry a medalha de Rainha da Bateria dos Embaixadores da Alegria. No ar desde 2004, o Programa vai ao ar todo sábado às 12h30 e é 100% inclusivo, com LIBRAS (Língua brasileira de sinais), autodescrição e legendas em português.

O objetivo do programa é trazer informações, cursos e capacitações para pessoas com deficiência. Com a proposta de abordar as deficiências com naturalidade e revelar o horizonte de atividades que essas pessoas desempenham em sua rotina, a atração leva ao público informação com entretenimento. Pioneiro na televisão brasileira, o *Programa Especial* demonstra na prática a capacidade das pessoas com deficiência. A ideia é reforçar que elas podem ser atuantes e protagonistas na sociedade. A produção é voltada para todo cidadão que acredita ser possível, e necessário, incentivar esse respeito às diferenças. Nas Paralimpíadas do Rio 2016, o *Programa Especial* realizou uma série de reportagens especiais sobre algumas modalidades, atletas e a estrutura dos jogos.

O *Programa Especial* aborda diversos assuntos, como mercado de trabalho, lazer, esporte, qualidade de vida, entre outros temas que são tratados de forma inclusiva com linguagem descontraída. A equipe do Programa Especial acredita que a informação é a melhor forma de se combater o preconceito e a comunicação usada pelo programa é bem assertiva nesse contexto.

## **5.2 Jornalismo esportivo na Tv Brasil**

Os documentos que regulamentam a linha editorial que a TV Brasil deve seguir para o esporte na tevê, demais veículos da EBC (rádio e agência de notícias), fazem parte do Plano de Trabalho e o Manual de Jornalismo. Os documentos trazem valores como priorização do esporte na cobertura jornalística, complementariedade dos sistemas de comunicação, integração de plataformas, inclusão social e cultural, pluralidade de temas e modalidades, inovação, abordagem diferenciada e diferenciação entre o esporte de alto desempenho e o amador (EBC, 2015).

Entre as premissas da EBC para a cobertura de esportes (manual produzido em 2013), dois trechos são importantes destacar para este trabalho: a

atenção para os mais diferenciados esportes e modalidades e a proposta de ações que despertem interesse pela cidadania. Embora o futebol seja o esporte mais popular do país e que envolva e mobilize a população, “o esporte não se resume ao futebol profissional” e, além disso, a cobertura dos eventos deve propiciar ao jornalismo da EBC “incluir informações que possam despertar o interesse do torcedor por ações de cidadania” (Manual de Jornalismo, p.60). Percebe-se que a linha editorial a qual os jornalistas devem seguir tem por premissa básica a cobertura igual para todos, o respeito às diferenças, cobrindo todos os esportes, sejam eles disputados por pessoas com ou sem deficiência; esportes olímpicos ou paralímpicos, atletas profissionais ou amadores.

Os dois programas esportivos transmitidos pela TV Brasil são o *Stadium* e o *No Mundo da Bola*. O *Stadium* está no ar desde 1977 e surgiu com foco nos esportes Olímpicos e Paralímpicos. A ideia é ser um programa de debates e entrevistas com participação ao vivo de atletas, técnicos e comentaristas, cuja pauta seja esportes de todas as modalidades, dos radicais aos de aventura, passando pelos olímpicos e paralímpicos. Os apresentadores são Paulo Garritano e Marília Arrigoni e o programa vai ao ar de segunda a sábado, às 21 horas.

O *No Mundo da Bola* é uma atração esportiva da TV Brasil que tem como objetivo debater o futebol nacional e internacional. Está no ar desde 16 de junho de 2013. É exibida aos domingos, às 21h, e às segundas, às 22h. O programa aborda as notícias de destaque do futebol e outros esportes, sendo apresentado por Sergio du Bocage, com comentaristas fixos de Márcio Guedes e Maurício Costa. O *No Mundo da Bola* é a versão televisa do programa homônimo, que teve início na década de 1930, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e que fez história no jornalismo esportivo radiofônico.

A cobertura jornalística esportiva na TV Brasil começou no ano de 2010 com a transmissão da Série C do Campeonato Brasileiro. Aqui vale ressaltar que a emissora escolheu esta divisão pelo fato de muitos times serem da região Norte-Nordeste e a “regionalização” consta no artigo 3º da criação da TV Brasil, fomentando, assim, a divulgação de times menores e espalhados por todo o canto do Brasil. Em 2011, a TV transmitiu de 16 a 24 de julho, os Jogos Mundiais Militares realizados no Rio de Janeiro, sem custo algum para o órgão, pois o Ministério da Defesa era o detentor oficial dos direitos de imagem.

No ano de 2013, a TV voltou a transmitir a Série C do Campeonato Brasileiro. No ano de 2015, a TV Brasil trouxe como slogan “O ano do esporte na TV Brasil” e transmitiu os seguintes campeonatos: a Copa do Mundo de Futebol Feminino, disputada no Canadá; o Mundial sub-20, na Nova Zelândia; o Mundial sub-17, no Chile; a Copa do Mundo de Futebol de Areia, em Portugal; o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino; as quartas, semis e finais das Séries B e D e a Copa Placar de Seleções sub-20.

Em 2016, a TV transmitiu a Copa São Paulo de Futebol Júnior, maior campeonato sub-18 do país; 15 partidas do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino; algumas partidas das Séries B e D; as Séries A2 e A3 (segunda e terceira divisão) do Campeonato Paulista e, por fim, o mais importante e relevante, as Paralimpíadas Rio 2016. A chefe da Gerência de Jornalismo hoje é Verônica Dalcanal e a equipe é composta por jornalistas, editores, apresentadores e comentaristas, totalizando 37 pessoas, sendo 32 no Rio de Janeiro, 3 em São Paulo e 2 em Brasília.

### **5.3 Cobertura da TV Brasil nas Paralimpíadas Rio 2016**

Em 2016, pela primeira vez na história, os Jogos Paralímpicos foram realizados no Brasil. Também foi a primeira vez que uma tevê aberta transmitiu os jogos no país. Coube a TV Brasil mostrar os jogos, com o slogan "O canal das Paralimpíadas". Junto às emissoras parceiras da Rede Pública de Televisão, exibiu a Cerimônia de Abertura e a Solenidade de Encerramento dos Jogos, além das principais provas do evento, em grande parte com transmissão ao vivo, dando destaque para a participação dos atletas brasileiros em esportes coletivos e individuais. Os detalhes da cobertura também estavam presentes nos perfis @tvbrasil e @ebcnarede no Twitter e Facebook e o público podia participadas transmissões com a hashtag #VemPraPara.

O contrato de sublicenciamento entre o Grupo Globo e a EBC foi firmado, em outubro de 2015, pelo valor de R\$ 495.868.000 (quatrocentos e noventa e cinco mil e oitocentos e sessenta e oito reais) e exibiu diariamente uma média de dez horas de programação ao vivo das competições. Ao total, a TV transmitiu 100 horas de transmissão dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Atletismo, natação, judô, tênis de mesa, levantamento de peso, futebol de 5, futebol de 7, rúgbi em cadeira de rodas, ciclismo, basquete em cadeira de rodas e voleibol sentado tiveram

transmissões ao vivo. A bocha, goalball, hipismo, paracanoagem, esgrima em cadeira de rodas, remo, tênis em cadeira de rodas, tiro, tiro com arco, triatlo e vela foram exibidas com imagens gravadas.

A produção envolveu o trabalho de todas as áreas da empresa: jornalistas (aqui vale ressaltar que toda a equipe de jornalismo da TV Brasil se empenhou na cobertura dos jogos e não só o núcleo de esportes), radialistas, cinegrafistas, profissionais de operações e engenharia. Houve ainda a presença de diversos convidados, que atuaram na função de comentaristas explicando as especificidades de cada modalidade. Técnicos, atletas, ex-atletas, classificadores funcionais e até carnavalesco, como, por exemplo, na cerimônia de abertura, o time da TV Brasil contou com os jornalistas Daniela Christoffer, Luciana Barreto e William Douglas e com os comentários do carnavalesco e coreógrafo Hélio Bejani, diretor artístico do ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Dentro do valor pago pelos direitos de transmissão, estava garantida em contrato a recepção dos sinais das competições, captação essa que é feita com exclusividade pela Olympic Broadcasting Service (OBS), em português 'Serviço Olímpico de Transmissão'. Porém, diferentemente dos Jogos Olímpicos, em que todos os eventos são gerados ao vivo, no caso dos Jogos Paralímpicos, algumas modalidades contaram apenas com material gravado. Assim, a TV Brasil não transmitiu as partidas de vôlei sentado da primeira fase nem os jogos de bocha e goalball.

Segundo relatos de profissionais que trabalharam na transmissão e produção, o esforço e o empenho de toda a equipe foram necessários para que os sinais, gerados no Parque Olímpico, localizado na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, chegassem até a emissora, no centro do Rio, de onde foram feitas as narrações pelo sistema "off tube", ou seja, com os narradores acompanhando pelos monitores de televisão.

Vale destacar que a TV Brasil escalou 4 equipes fixas para entrevistas com os atletas e para entradas durante a programação ao vivo (2 de manhã e 2 de tarde, com repórter e cinegrafista) para cobrir a natação, no Estádio Aquático, e o atletismo, no Estádio Olímpico, pois são esportes com muitas provas rápidas, por conta da classificação funcional de ambas, e com prováveis chances de medalhas para os atletas brasileiros. Para os outros esportes e arenas, foram enviadas equipes de repórteres cinematográficos, auxiliares e jornalistas, para produção de

conteúdo. Esses conteúdos iam ao ar nos intervalos das transmissões ao vivo, que eram mediadas por apresentadores que ficavam se dividindo no estúdio. Paulo Garritano e Sérgio Du´Bocage ficaram responsáveis por essa missão.

A preparação para a equipe que transmitiu os jogos começou um tempo antes, com toda a equipe de produção empenhada em preparar um material específico com as regras e objetivos de cada modalidade. Materiais também muito importantes para a equipe da TV Brasil foram o Guia de Imprensa e o Guia para Mídia fornecidos pelo Comitê Paralímpico Brasileiro e pelo comitê dos Jogos, pois traziam dados sobre as modalidades, a forma correta como os atletas devem ser tratados, como falar e passar as informações corretamente, além de um perfil resumido sobre a vida de cada atleta, com as principais conquistas e um pouco da história de vida de cada um. Em um misto de afirmação da minoria formada por atletas com deficiência e estratégia de marketing e comunicação, interessa duplamente a estes órgãos a correta transmissão dos Jogos Paralímpicos: tanto social quanto economicamente, a exposição dos atletas com deficiência na mídia, desde que maneira correta, trará retornos importantes.

No campo da Comunicação, o CPB virou exemplo de sucesso na área esportiva, por suas ações relacionadas ao marketing e à mídia. Por acreditar que os feitos dos atletas paralímpicos têm papel decisivo na mudança de percepção da sociedade brasileira em relação às pessoas com deficiência, o Comitê promove ações de mídia permanentes e pontuais, oferecendo conteúdo e condições operacionais para jornais, revistas, sites na internet e emissoras de rádio e televisão de todo o país noticiarem as principais competições nacionais e internacionais (CPB, 2013).

O guia ainda faz questão de lembrar que, assim como qualquer outro, o atleta com deficiência precisa de treino, hidratação, concentração, descanso e alimentação. Ou seja: são atletas como quaisquer outros, sem necessidade de um olhar diferenciado por parte do jornalista. Vemos aqui que o CPB é um importante divulgador do esporte paralímpico, cumprindo assim a sua missão que é a de tornar não só o esporte mais conhecido, mas também levar o esporte adaptado para todos de forma correta, e não como casos de superação e de super-heróis.

A presença de uma equipe qualificada durante a transmissão, levando para a população um material de qualidade, visa compreender que a TV Brasil está levando a seus telespectadores uma diversidade cultural, padrão público (democrático e republicano) do jornalismo, independência, interação com o público e experimentação e inovação da linguagem.



De forma geral, pode-se perceber, analisando o conteúdo produzido durante os 11 dias de Jogos, o cuidado em passar as informações certas. Todas as transmissões se preocuparam em trazer o interesse humano à tona, ligando-o à rotina de treinos dos atletas e destacando as suas trajetórias profissionais bem como suas medalhas, seus pódios e etc., fugindo, assim, dos temas tratados na grande mídia.

## 6 CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados nesta monografia, conclui-se que o Jornalismo tem um papel primordial no esporte paralímpico/adaptado e pode ser um divisor de águas na vida de tantos deficientes. Não seria diferente no que diz respeito à representação das pessoas com deficiência: além de refletir as percepções da população, os profissionais da comunicação têm um papel fundamental na formulação destas percepções, fazendo que estereótipos não sejam perpetuados na sociedade. Existe uma luta histórica no que diz respeito à aceitação e à inclusão das pessoas com deficiência na sociedade – e a mídia é um dos principais palcos desta disputa. É nos veículos de comunicação que as minorias encontram e buscam espaço para aparecer e dar visibilidade as suas causas.

Se a mídia tem o poder de influenciar a forma como as pessoas se posicionam frente ao espaço social – inclusive sobre as pessoas com deficiência – os Jogos Paralímpicos assumem importância fundamental nesta causa. Essa relevância é atestada por ele ser o maior evento do mundo em que as pessoas com deficiência são as protagonistas, visto que a cada edição cresce mais, ganhando mais tempo e espaço de televisão.

O Jornalismo esportivo voltado ao esporte paralímpico, se realizado de maneira comprometida com a veiculação de informação e que comunique à sociedade sobre o referido fenômeno, pode ser um potente meio de promoção da visibilidade dos atletas e pessoas com deficiência e da convivência da sociedade com este grupo de pessoas, promovendo assim a conscientização do público sobre a realidade, as dificuldades que enfrentam em seu cotidiano, as necessidades de acessibilidade e o reconhecimento social. O jornalismo esportivo paralímpico pode exercer, para além do seu papel informativo, um serviço de promoção de inclusão social para pessoas com deficiência.

Destaca-se o trabalho da TV Brasil com o paradesporto, principal questão que motivou este trabalho. Sempre pautando o esporte e os atletas paralímpicos, com os resultados deste trabalho, pode-se afirmar que outros canais sugerem que as pessoas com deficiência são representadas de forma negativa pelos meios de comunicação em geral, através de terminologia inadequada e de estereótipos que enfatizam a deficiência, e não o atleta.

Por outro lado, a TV Brasil se diferencia das tevês comerciais no trato da causa. Vemos, por exemplo, o *Stadium*, programa da TV que há anos já vem pautando o parolimpismo, e o *Programa Especial*, que dá espaço para as pessoas com deficiência. Aqui também vale mensurar o trabalho do IPC e do CPB com os guias voltados à mídia e à imprensa, publicados por veículos oficiais, que têm o objetivo de ajudar a compreender o paradesporto (que pouco ganha espaço na mídia fora do período dos Jogos Paralímpicos) e de orientar os jornalistas a abordar e se referir da melhor maneira possível aos atletas e pessoas com deficiência, através de dicas e sugestões.

Os Jogos Paralímpicos Rio 2016 deixou como legado para o Brasil a importância e a necessidade de se falar sobre o paradesporto. Ainda que a maior emissora de televisão do país, a TV Globo, não tenha transmitido os Jogos Paralímpicos, a TV Brasil e sua rede de emissoras públicas espalhadas por todo o país fez um papel importante na propagação do paradesporto. É importante ressaltar, novamente, que o público presente no Parque Olímpico do Rio que bateu recorde no primeiro final de semana foi o das Paralimpíadas (172 mil pessoas no dia 10 de setembro), e não das Olimpíadas.

Portanto, pode-se dizer que a TV Brasil prezou, durante a cobertura das Paralimpíadas do Rio 2016, pelos princípios da radiodifusão pública que a auxiliaram no cumprimento de seu dever de desenvolver conhecimentos, ampliar horizontes e ser um lugar de encontro à informação e à educação acessíveis a todos e que se dirigem a todos, além de manter a diferenciação delas em relação ao circuito privado. A transmissão mostra traços da complementaridade desejada entre o sistema público e o sistema privado de televisão e prevista na Constituição Federal, tendo em vista que os cumprimentos dos princípios da radiodifusão pública foram fundamentais na diferenciação da cobertura feita pela TV Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: Origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.
- BAILEY, S. **Athlete first: a history of the paralympic movement**. West Sussex: John Wiley, 2008.
- BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a Educação Física e os esportes**. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte. Anais... Santa Maria: 1998b.
- \_\_\_\_\_. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, n. 17, p. 1-3, 2001.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 jul. 2001.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 jul. 2015.
- BUCCI, E.; CHIARETTI, M.; FIORINI, A. M. **Indicadores de Qualidade nas emissoras públicas – uma análise contemporânea**. Série Debates Comunicação e Informação Nº 10. Brasília: Unesco - Representação no Brasil, 2012.
- CAMBRUZZI, G. M. A. S. **O discurso da mídia sobre a cobertura das paraolimpíadas de pequim 2008 e a inclusão das pessoas com deficiência**, Florianópolis CEAD/UDESC. 2011.71f. Monografia (Curso de Especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, UDESC, 2011.
- CESTARI, P. E.; ROCCO JR., A. J. **As transmissões esportivas na programação da TV Pública no Brasil: uma análise dos casos da TV Cultura-SP e da TV Brasil**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 05 a 09/09/2016.

DIAS, D. A. **Cobertura das Paralimpíadas de Londres 2012**. 2013. 148f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

DI NUBILA, H. B. V; BUCHALLA, C. M. O papel das Classificações da OMS- CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia (online)**, v. 11, n. 02, p. 324-335, 2008.

HOWE, P. D. From inside the newsroom: paralympic media and the`production'of elite disability. **International Review for the Sociology of Sport**,v. 43, n. 2, p. 135–150, 2008.

FIGUEIREDO, T. H. **Olimpíadas e Paraolimpíada: Uma correlação com a mídia**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora/Faculdade de Comunicação Social.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, I. S. **TV Brasil e a construção da Rede Nacional de Televisão Pública**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MARQUES, R. F. R. *et al.* Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365–377, 2009.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O esporte paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas**. São Paulo: Phorte, 2014.

MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. Atheneu: 2012.

NOGUEIRA, C. **Esporte paralímpico: tornar possível o impossível**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Brasília: University of Kent; Universidade Federal do Paraná, 2016.

PILZ, G. A. Sociologia do esporte na Alemanha. **Revista Estudos históricos: esporte e lazer**, v.1, n.23, p.3-17, 1999. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/256.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2019

PIRES, G. D. L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 9, n. 1, p. 25–34, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mídia, Esporte e Ilusão**. Fórum Internacional de Esporte e Lazer - SESC, Fiesla, p. 1–11, 2006.

\_\_\_\_\_. Observando o pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribos da Ilha; 2009. p.149-67.

SANFELICE, G. R. **Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 31, n. 2, p. 137–153, 3 mar. 2010.

SESI - Serviço Social da Indústria (São Paulo). **Esportes Paralímpicos**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (in)validity of supercrip representation of Paralympic athletes. **Journal of sport and social issues**, Boston, v.36, n.2, p.174-194, 2012.

STEFANE, C. A. *et al.* Esporte adaptado, Paraolimpíadas e Olimpíadas Especiais. In: COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Shape. 2005, p. 645-649. Disponível em: <<http://abre.ai/auYh>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TORRI, D; VAZ, A F. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 2, 2017.

VALENTE, J. C.L. TV Pública no Brasil: **A criação da TV Brasil e sua inserção no modo de regulação setorial da televisão brasileira**. 2009. 199 f. Dissertação ( Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2009.

WERLANG, H; REBELLO, H. CPB minimiza queda e valoriza mais esportes e atletas medalhistas no Rio. **Globo Esporte**, 18 set. 2016. Disponível em: <<http://abre.ai/au0l>>

## SITES E DOCUMENTOS

BAHIA, J. A. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Observatório da Imprensa, 2005. Disponível em: <<http://abre.ai/auYs>>. Acesso em: 1 out. 2019.

BORELLI, V.; NETO, A. F. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve reflexão**. Cev, 2007. Disponível em: <<http://abre.ai/auYD>>. Acesso em: 25 fev. 2006.

CPB - COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <<http://abre.ai/auYZ>> Acesso em: 10 set. de 2019.

\_\_\_\_\_. **O Comitê Institucional.** Disponível em: <<http://abre.ai/auYm>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Planejamento estratégico 2017-2024.** Disponível em: <<http://abre.ai/auYL>>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

IPC - COMITÊ PARALÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <<http://abre.ai/auYM>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COMITÊ RIO 2016. Disponível em: <<http://www.rio2016.org>>. Acesso em: 15 set. 2019.

EBC – EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. Contrato de sublicenciamento, sem exclusividade, de direitos de transmissão em TV aberta dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. **EBC**, 2015. Disponível em: <<http://abre.ai/au0s>>. Acesso em: 25 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Sobre a Tv. **EBC**, 2017. Disponível em: <<http://abre.ai/au0q>>.

\_\_\_\_\_. A empresa. **EBC**, 2014. Disponível em: <<http://abre.ai/au0r>>.

EBC - EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **TV Brasil: Sobre a TV.** Disponível em: <<http://www.tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>>. Acesso em: 30 mai. 2019

GREVETII, R. B. A comunicação social no contexto constitucional brasileiro. **DireitoNet**, 2004. Disponível em: <<http://abre.ai/auYW>>.

Wikipédia. **Jogos Paralímpicos de Verão de 2016.** Disponível em: <<http://abre.ai/auY>>. Acesso em: 8 out. 2019.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

## VIDEOGRAFIA

**PARATODOS.** Direção de Marcelo Mesquita. Produção de Marcelo Mesquita, Mariana Youssef, Peppe Siffredi e René Sampaio. São Paulo: Sala 12 Filmes, 2016. Exibição no Netflix (110 min.): son., color. Dublado em português.

## APÊNDICE A — ENTREVISTAS

### Jornalistas

Nome: Ivo Felipe Lima Bonfim

Função: Supervisão de comunicação do Comitê Paralímpico Brasileiro

1. Conte-me como foi cobrir as Paralimpíadas do Rio 2016 trabalhando na assessoria do CPB?

R: Foi uma experiência profissionalmente muito enriquecedora. O esporte paralímpico brasileiro nunca teve em sua história a atenção que houve durante a Rio 2016. Tínhamos o desafio de maximizar o potencial desta visibilidade e cativar ao máximo o público para que não fosse apenas um fenômeno temporário. Particularmente, creio que fomos bem-sucedidos neste objetivo, já que diversos indicadores de retorno de mídia subiram muito após os Jogos.

2. Há alguma diferença, e se houver qual é entre cobrir os jogos Paralímpicos no seu país de origem?

R: O cenário é totalmente distinto. Como o país-sede, a "lupa" de avaliação da mídia, analistas esportivos e do público em geral é muito mais rigorosa. Todas as atenções estão voltadas aos atletas e ao desempenho do Brasil em uma competição do porte dos Jogos Paralímpicos em casa, então a operação de uma equipe de comunicação do CPB foi proporcionalmente mais complexa.

3. Você teve algum tipo de preparação especial ou orientação antes de iniciar a cobertura dos jogos?

R: O planejamento de comunicação com vistas aos Jogos do Rio 2016 foi, obviamente, trabalho ao longo do ciclo, não somente às vésperas dos Jogos. Foram definidas as mensagens que passaríamos e de que forma teríamos que trabalhar ao longo destes quatro anos.

4. Você acha que pelo fato de trabalhar no CPB isso se torna um facilitador para produzir as reportagens?

R: A relação com os personagens e o acesso às informações são diferentes. As matérias e press releases que são produzidos têm o objetivo de fornecer à imprensa condições de informar o público corretamente e comunicar a mensagem que queremos passar.



Nome: Lincoln Chaves de Oliveira

Setor que trabalha: Núcleo de Esportes – EBC / São Paulo

1. Me conte como foi cobrir as Paralimpíadas do Rio 2016?

R: Foi minha maior experiência profissional até hoje. Em 2014, eu participei da cobertura da Copa do Mundo, ainda trabalhando pelo GloboEsporte.com, acompanhando o dia a dia da seleção da Costa Rica em Santos (SP) e cobrindo um dos jogos da primeira fase in loco (Chile x Holanda), mas foi um trabalho mais concentrado na base da seleção – embora também inesquecível. No Rio, a cobertura foi diretamente no local da “ação” – no caso, na piscina. Participei da cobertura ao vivo da natação, no período da tarde-noite, com entradas ao vivo nas transmissões e na programação, produção de boletins e matérias para os programas jornalísticos e esportivos da TV Brasil. Pude acompanhar, in loco, o recorde de medalhas da natação masculina paralímpica alcançado por Daniel Dias, a despedida de Clodoaldo Silva, um dos maiores expoentes do paradesporto no Brasil, que se aposentou das competições nos Jogos. Inclusive, a primeira entrevista do Clodoaldo após a prova de despedida foi justamente para mim. Foi possível captar a emoção dele, resgatando tantos anos dedicados à natação e ao paradesporto, imediatamente depois de ele sair da piscina. Assim como a emoção de Carlos Farremberg, que até “exagerou” no vocabulário logo depois de ganhar a prata no Rio – deixou escapar alguns palavrões, mas, compreensível, o momento permitia. O espaço destinado à TV Brasil para as entrevistas ao vivo (ou gravadas) era exatamente na saída da piscina. Acompanhado do cinegrafista Alexandre Nascimento e do auxiliar João Batista de Lima, falava com os nadadores brasileiros antes de todos, conseguíamos trazer em primeira mão as declarações após as provas, que são justamente as mais emblemáticas, as mais carregadas do que representa ter chegado lá, numa Paralimpíada, numa final paralímpica. Os desafios que esses atletas superaram, não só em razão de suas deficiências, mas no desafio diário de buscar reduzir os tempos e enfrentar seus adversários. Foram várias horas dedicadas à cobertura. Pela manhã, embora não estivesse trabalhando, eu acompanhava as eliminatórias pela TV e preparava o material de trabalho para as finais da tarde-noite, não só com informações dos brasileiros, mas também dos estrangeiros. Durante e após as finais, eu preparava e gravava boletins e matérias para o dia seguinte. Foi, ali, a grande oportunidade de abrir os olhos do Brasil, que nos assistia ao vivo, para o esporte adaptado. De mostrar a crianças de todo o país, que têm algum tipo de deficiência, congênita ou adquirida, que há vida além dessa deficiência, e que o esporte pode abrir essas portas. Após a Rio 2016, cobrindo eventos como a Paralimpíada Escolar ou o Parapan de Jovens, ficou claro o impacto que a Paralimpíada trouxe às novas gerações.

2. Há alguma diferença, e se houver qual é, entre cobrir uma paralimpíada e uma olimpíada?

R: Eu não tive a oportunidade de cobrir a Olimpíada, então é difícil ser preciso nessa resposta. Mas, eu avalio que uma diferença fundamental é a questão das classes funcionais do paradesporto. A natação adaptada tem 14: uma para deficientes intelectuais, três para deficientes visuais e 10 para atletas com deficiência físico-motoras – onde quanto menor o número da classe, maior o grau de comprometimento. Na cobertura da natação paralímpica, essas especificidades precisam ser explicadas, para que o telespectador entenda o porquê da diferença de tempo, por exemplo, de uma prova para outra. Na natação “convencional” não há essa divisão, então entendo que ter bem clara a divisão dessas categorias é um detalhe a se levar em conta na diferença entre as coberturas.

3. Você teve algum tipo de preparação especial ou orientação antes de iniciar a cobertura dos jogos?

R: Participei de algumas reuniões, por videoconferência, em que foram explicados detalhes da cobertura (onde teríamos entradas ao vivo, que competições transmitiríamos ao vivo e quais teríamos somente VTs na programação, por exemplo). Recebi, também, orientações gerais quanto ao perfil da cobertura, para destacarmos, principalmente, o feito esportivo dos atletas. Ou seja: sem cair no “vício” – outrora comum na cobertura em geral do paradesporto (que, na TV Brasil, sempre buscamos evitar esse “vício”) – de olhar a disputa apenas como “superação” dos atletas. Ela é superação, sim, mas não só. Seria importante, portanto, conhecer o máximo possível sobre os atletas, tempos, adversários, últimos desempenhos. Tivemos acesso a um guia do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) com informações dos atletas brasileiros e recebemos acesso ao MyInfo, com dados de todos os competidores presentes nos Jogos – no caso da natação, tempo, desempenho em Paralimpíadas, Mundiais e eventos anteriores.

4. Você acha que há algum medo de parecer politicamente incorreto na cobertura?

R: Como na TV Brasil nós já tínhamos o costume de acompanhar atletas e competições paradesportivas, ao menos da minha parte, não houve esse receio. Evitar termos que podem soar como “piada”, mas que claramente têm uma conotação negativa – “cotoco”, por exemplo, para atletas que não possuem braços – já nos era algo natural. Evidente que, entre eles (atletas), nas brincadeiras internas, alguns termos do “politicamente incorreto” podem ser comuns. Mas, não acho que isso dê abertura para a cobertura, digamos, “apelar” para os mesmos termos.

5. Quais foram os facilitadores e barreiras para produzir as reportagens?

R: Ser a emissora oficial do evento e ter um espaço próximo à piscina, sendo a única TV brasileira ali (as demais ficavam na zona mista), sem dúvida, foi um facilitador. O contato com os atletas, inclusive os do exterior, e com a

organização eram mais ágeis. O acesso, ainda, ao MyInfo (que era aberto a todos os credenciados), com informações atualizadas sobre todos os competidores, trazia conteúdos que enriqueciam as informações que passávamos, fosse nas matérias ou ao vivo. Como barreira, eu destaco a seguinte: como a transmissão era ao vivo, com vários eventos transmitidos simultaneamente, nem sempre havia condição de o atleta com o qual se estava a postos para a entrevistas entrar ao vivo. Era necessário o contato com o switcher, por meio do microfone, ouvindo-o pelo ponto eletrônico, para saber se era possível ou não entrar com o atleta ao vivo – e, às vezes, em virtude do que estava acontecendo, a confirmação demorava. A saída, por vezes, era gravar a entrevista e, dentro da possibilidade, gerá-la para ser utilizada em algum momento na transmissão.

6. Durante os jogos, de que modo escolhia as informações que compuseram as notícias? Quais eram os critérios? Teve alguma adaptação linguística na produção das notícias?

R: Priorizávamos os resultados dos brasileiros, destacando primeiramente os medalhistas e, na sequência, os demais atletas que alcançaram finais. Em algumas ocasiões, o feito de alguns competidores do exterior também valia registro (algum recorde, alguma história curiosa). A única adaptação linguística, se é que pode ser encaixada assim, que me recordo era na hora de explicar o “tapper” – uma espécie de bastão que um membro da equipe, do lado de fora da piscina, usava para tocar nas costas do nadador cego próximo à parede e indicar que ele estava chegando.

7. Fale sobre valores-notícias definidos pela redação da EBC/TV Brasil que não podiam faltar na construção das notícias. Qual era a orientação editorial?

R: Como mencionei em uma resposta anterior, por mais que o paradesporto seja, normalmente, atrelado essencialmente à superação, era importante deixar o aspecto esportivo em primeiro plano. Claro, há casos como o da nadadora Suzana Scharndorf, cuja doença degenerativa quase a deixou fora da Paralimpíada por conta da classe funcional. Ela teria de baixar de categoria (lembrando que, quanto menor o número da categoria físico-motora, que vai de 1 a 10, maior o grau de comprometimento), já que não era mais competitiva na anterior. E antes da última competição que valia vaga na Paralimpíada, a reclassificação funcional identificou que ela precisaria, de fato, baixar de categoria. E ela teve condição de fazer o tempo necessário para estar nos Jogos do Rio, onde conquistou uma medalha no revezamento 4x50 misto. É uma história, sim, de superação. Mas, cujo contexto tem relação direta com ela estar nos Jogos. Portanto, não é uma história “ao acaso”.

8. Você utilizou de alguma referência ou teve alguma interferência do seu cotidiano para se referir aos atletas com deficiência na construção das notícias/reportagens? No decorrer dos jogos mudou a abordagem? Como?

R: Por conta da cobertura de eventos anteriores e matérias com os atletas no período anterior aos Jogos, foi possível levar essa experiência para a cobertura, o que permitiu enriquecer as entrevistas com os nadadores na saída da piscina. Relembrar alguma competição onde o atleta foi bem, alguma declaração que ele tenha dado a mim lá atrás, sobre a Paralimpíada, que fosse interessante recuperar no momento pós-prova. No caso de atletas que não conhecia antes, o conteúdo das entrevistas iniciais (exemplo: ele explicando que aquela não era sua melhor prova, que a mesma seria em um, dois dias) foi importante para ser explorado em novas entrevistas, à medida que os Jogos transcorreram.

9. Conheceu o guia de orientações divulgado pelo CPB destinado à imprensa? Se sim, de que modo ele te ajudou nesse processo de produção das reportagens?

R: Conheci sim e ele foi importante. Ele trouxe informações sobre a origem de cada um dos atletas, como adquiriram a deficiência, como chegar ao esporte que praticam atualmente, históricos de conquistas. Informações que, a princípio, soam básicas, mas que servem como pontapé para se buscar mais dados, seja por meio do bate-papo prévio com o atleta, por meio de pesquisa, conversa com integrantes da comissão técnica, o próprio acompanhamento da prova... Acredito, até, que para a versão dos Jogos de 2020, seria interessante destacar, na origem, se o atleta passou pelas Paralimpíadas Escolares e Universitárias ou Parapan de Jovens. Seria legal para ter a dimensão do quanto esses eventos de base, recentes, têm impactado na formação das seleções.

10. Defina seu trabalho nas Paralimpíadas em 1 palavra.

R: Difícil rs... Diria orgulho.

Nome: William Douglas de Almeida

Setor que trabalha: TV Brasil (na Paralimpíada fui narrador)

1. Me conte como foi cobrir as Paralimpíadas do Rio 2016?

R: Foi uma experiência de aprendizado e um grande desafio. Havia a preocupação em fazer uma transmissão de qualidade, informativa, didática e que valorizasse o paradesporto.

2. Há alguma diferença, e se houver qual é, entre cobrir uma paralimpíada e uma olimpíada?

R: Na Olimpíada trabalhei na rádio, em outra função (plantão esportivo / comentários). As semelhanças são a exigência de atenção a vários eventos simultâneos e o cuidado não apenas com a agilidade, mas com a precisão da informação. Há ainda a diferença de linguagem entre os meios (rádio e TV) e, no caso dos esportes paralímpicos, a questão do didatismo é mais relevante, tendo em vista que nem todo público está habituado ao paradesporto.

3. Você teve algum tipo de preparação especial ou orientação antes de iniciar a cobertura dos jogos?

R: Sim, recebemos um material produzido pela UFPR e também um excelente material produzido pelo nosso colega Wagner Gomes, que é da EBC no Rio de Janeiro. Além disso, preparei um material de apoio com base em dados do CPB e do site oficial dos Jogos.

4. Você acha que há algum medo de parecer politicamente incorreto na cobertura?

R: Não. Estávamos bem tranquilos quanto à isso e sabíamos sobre a terminologia a ser adotada. Além disso, o nosso contato com o paradesporto é anterior aos Jogos, pois faz parte do nosso cotidiano.

5. Quais foram os facilitadores e barreiras para produzir as reportagens?

R: Como eu fiquei na narração, não tenho como ajudar muito com essa resposta, tendo em vista que recebia o sinal já “pronto” com o evento a ser narrado. Todavia cito como facilitador o sistema MyInfo, atualizado pela organização, que trazia todos os dados necessários para a transmissão (estatísticas, biografia dos atletas etc)

6. Durante os jogos, de que modo escolhia as informações que compuseram as notícias? Quais eram os critérios? Teve alguma adaptação linguística na produção das notícias?

R: A definição das pautas vinha da chefia, mas tínhamos total liberdade na abordagem e condução das transmissões. Não foi necessária nenhuma adaptação linguística, apenas houve um cuidado em sermos didáticos, claros e, ao mesmo tempo, manter a transmissão interessante aos expectadores.

7. Fale sobre valores-notícias definidos pela redação da EBC/TV Brasil que não podiam faltar na construção das notícias. Qual era a orientação editorial?

R: Desde o início sabíamos que estávamos cobrindo uma competição de alto rendimento. É claro que as histórias de vida dos atletas interessavam e faziam parte de um contexto, mas durante os jogos estávamos falando de atletas de alto rendimento e do desempenho deles durante a competição. A orientação mais clara que me lembro era essa: estamos falando de alto rendimento, são atletas e é isso que devemos enfatizar.

8. Você utilizou de alguma referência ou teve alguma interferência do seu cotidiano para se referir aos atletas com deficiência na construção das notícias/reportagens? No decorrer dos jogos mudou a abordagem? Como?

R: Mantivemos a mesma abordagem desde o início, tendo em vista que a cobertura do paradesporto faz parte de nossa rotina.

9. Conheceu o guia de orientações divulgado pelo CPB destinado à imprensa? Se sim, de que modo ele te ajudou nesse processo de produção das reportagens?

R: Sim, conhecemos o guia que trouxe boas informações e nos ajudou a aprimorar a cobertura. Ajudou ao relembrar pontos importantes, como a ênfase no alto rendimento e nos resultados dos atletas.

10. Defina seu trabalho nas Paralimpíadas em 1 palavra.

R: Gratidão

Nome: Sergio Menezes Du Bocage

Setor que trabalha: Gerencia de esporte

1. Me conte como foi cobrir as Paralimpíadas do Rio 2016? –

R: eu não participei diretamente da cobertura, minha participação foi apresentar, diariamente, a transmissão do evento na TV Brasil

2. Há alguma diferença, e se houver qual é entre cobrir uma paralimpíada e uma olimpíada?

R: para o público, creio que possa haver, em razão das modalidades diferentes, mas para o jornalista as situações são as mesmas, visto que estamos convivendo com atletas de ponta, que buscam resultados esportivos e atingir metas pessoais, como vitórias de vida particulares, independentemente de cada dificuldade pessoal que tenham

3. Você teve algum tipo de preparação especial ou orientação antes de iniciar a cobertura dos jogos? –

R: Sim, recebemos material do CPB sobre termos e regras que deveriam ser utilizados corretamente

4. Você acha que há algum medo de parecer politicamente incorreto na cobertura?

R: infelizmente sim, se não houver a devida preparação

5. Quais foram os facilitadores e barreiras para produzir as reportagens?

R: eu não fui para os locais de competição

6. Conheceu o guia de orientações divulgado pelo CPB destinado à imprensa? Se sim, de que modo ele te ajudou nesse processo de produção das reportagens?

R: sim. Não produzi reportagem

7. Defina seu trabalho nas Paralimpíadas em 1 palavra.

R: colaborativo

## Atleta

Nome: Clodoaldo Silva

14 medalhas em Jogos Paralímpicos com 6 de ouro, 6 de prata e 2 de bronze

1 – Para você, qual a principal dificuldade dos atletas paralímpicos no país? Estrutura? Patrocínio? Visibilidade?

R: Eu acho que a falta de patrocínio das empresas privadas. Hoje o comitê paralímpico só recebe de empresas estatais, do governo federal. Essa é a principal dificuldade. A questão da visibilidade, hoje nós temos a TV Brasil que desde 1996 vem mostrando os esportes paralímpicos e o SporTv que iniciou as transmissões em 2004, em Atenas. Comentei o para-pan esse ano no SporTv e foi um sucesso.

2 – O Brasil é uma potência no esporte paralímpico, isso é um fato. E como explicar todos esses recordes e números altos de medalhas com investimento tão pequeno?

R: Até um tempo atrás, quando eu comecei e conquistei 6 medalhas de ouro em Atenas, nos Jogos de 2004, nós não tínhamos grandes investimentos. Os atletas da região nordeste se destacavam bastante porque a locomoção das suas casas até o centro de treinamento era bem mais fácil, coisa que nas grandes capitais o atleta morava muito distante do local. Um dos fatores que facilitou para o Brasil era justamente essa proximidade do Nordeste com o local de treinamento e depois de 2004 começou a melhorar a estrutura, principalmente em São Paulo e com a aprovação da Lei Agnelo Piva surgiu novos investimentos com ajuda de custo para os atletas e em Atenas o Brasil fez a melhor campanha das Paralimpíadas até então e depois surgiu o Bolsa Atleta. Começaram aí os investimentos e a dedicação, com isso o Brasil veio crescendo e desde então a crescente no quadro de medalhas é algo incrível. O maior legado dos Jogos do Rio foi o centro de treinamento em São Paulo, foi inaugurado em 2015 e é o melhor Centro paralímpico da América Latina e Top 5 do Mundo. Lá abrigam 14 modalidades.

3 – Uma mensagem de apoio e otimismo para os paratletas que estão começando agora no paradesporto.

R: O Clodoaldo Silva nasceu em Natal no Rio Grande do Norte com uma paralisia cerebral com falta de oxigenação no parto, na infância e na adolescência passou preconceito e discriminação e passou a nadar como parte da fisioterapia e anos depois ganhou o Brasil e o Mundo com várias medalhas, subindo no lugar mais alto do pódio. Eu tinha tudo para me fazer de coitadinho, de vítima e não fiz, e hoje sou um grande campeão. Ou seja, se você não for um sucesso no esporte, pode ser em outra coisa, tendo dignidade, respeitabilidade e sendo cidadão.



## Técnicos

Nome: Caio César Duarte de Almeida Teles

Função: Coordenador do paradesporto em Valparaíso-GO formado no UNICEUB

1 – Conte um pouco da sua carreira com atletas paralímpicos.

R: Comecei trabalhando com paradesporto no Centro Olímpico no Gama ainda na faculdade e esse ano foi iniciado um trabalho com os alunos de Valparaíso nas modalidades de atletismo, bocha, vôlei sentado e parabadminton.

2 - Qual a sua visão sobre o paradesporto no Brasil? E no futuro, como será? Terá mais visibilidade?

R: O esporte paralímpico no Brasil hoje cresce muito e somos referencia no mundo. Recentemente, no para-pan de Lima fomos recordistas de medalhas com quase o dobro dos Estados Unidos. Acredito que é uma vertente que tende a crescer mais e mais, só que a meu ver peca muito nas transmissões, na divulgação. É algo que às vezes não é tão atrativo porque as pessoas não conhecem. O esporte paralímpico tende a crescer com os resultados.

3 - Como surgiu a idéia de treinar atletas paralímpicos em Valparaíso? Como foi o começo do projeto? Como está sendo a experiência?

R: O trabalho começou com uma análise que estávamos dando atenção para os alunos da rede, só que os alunos com algo tipo de deficiência eles não estavam tendo atenção especial, algo que é direito de todos. No começo foi muito difícil, estamos estruturando para que fique o mais profissional possível e percebemos que os alunos melhoram muito no aspecto social. Alunos que não conseguiam se inserir com os outros, estão passando a se socializar mais e mais nos aspectos sociais.

4 – Defina o trabalho como técnico paralímpico em 1 palavra

R: Indescritível.

Nome: Matheus de Souza Silva

Função: Coordenador de esportes da Capital do Remo

1 – Conte um pouco da sua carreira com atletas paralímpicos

R: Tudo começou de forma despretensiosa no ambiente de trabalho, não imaginava que iria trabalhar com atletas paralímpicos, e comecei a ter contato com os donos do Capital do Remo. O contato foi crescendo por conta dos atletas da escola. Comecei a fazer cursos e estudar sobre lesões medulares e outros tipos de deficiência e o contato prático me fez crescer muito. Vale ressaltar que os esportes são aquáticos, trabalho com Remo paralímpico, paracanoagem e canoa havaiana.

2 – Quais locais já trabalhou e quem são os atletas que já treinou?

R: Trabalho no Capital do Remo, no Setor de clubes sul, e já tive convivência com atletas do Hospital Sarah. Os atletas são Estevão Lopes, Call Brynner, Ronaldo de Souza e Uillian Ferreira.

3 – Qual a sua visão sobre o paradesporto no Brasil? E no futuro, como será? Terá mais visibilidade?

R: O paradesporto vem crescendo bastante e hoje dentro da paracanoagem temos várias atletas destaques nos Jogos, na mídia e no esporte por si só. Entre eles, Caio Ribeiro, Rufino. Futuramente espero que isso cresça cada vez mais.

4 – Porque você acha que a mídia não dá tanto destaque para os esportes paralímpicos? As Paralimpíadas do Rio 2016 só foram transmitidas pela TV Brasil na grade aberta e no SportTv na grade fechada. Você considera que existe um certo preconceito na mídia e nos veículos de comunicação quanto a isso?

R: São vários aspectos, tanto quanto econômico e político ligando a mídia ao esporte, o fator da audiência. Existe o objetivo da mídia em divulgar alguns esportes em detrimento de outros e também o aspecto da deficiência.

5 – Defina o trabalho como técnico paralímpico em 1 palavra.

R: A palavra é gratificante.

Guilherme Henrique Ramos Lopes

Mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB

Depoimento sobre a carreira com o Paralimpismo

Início da trajetória: Durante 10 anos trabalhei na rede do hospital Sarah e lá tive meu primeiro contato com deficientes e o esporte paralímpico, trabalhei na parte de Educação Física usando o esporte como reabilitação. Conheci várias atletas que hoje eu treino, fiquei lá de 2003 a 2013. Assim que saí recebi o convite da atleta Jade Malavasi do paraciclismo para fazer parte da equipe dela. Até hoje sou preparador físico da Jade, fui preparador físico da Natália Mayara, que conseguiu vaga nos Jogos Paralímpicos, fui treinador da Mayara Barreto que foi para os jogos do Rio 2016. Mayara é da natação. Além disso sou treinador de atletas que participam do Circuito Brasil de paraciclismo, Márcio Melo e Rodrigo Schulz. O que é o paradesporto: O paradesporto no Brasil para mim é uma ferramenta de inclusão social, tanto como lazer, alto rendimento. Sobre a mídia: A mídia trabalha com dinheiro, o que dá dinheiro vai na mídia. O futebol dá dinheiro, passa o dia todo. O esporte paralímpico dá menos e passa menos. Não acredito que seja dinheiro não. Patrocínio, investimentos e visibilidade, as pessoas não veem tanto esporte paralímpico. A mídia também pode fazer o papel contrário estimulando e aumentar a visibilidade. Esse é o caminho inverso. Prática desportiva de vôlei sentado: Fui convidado para participar de uma oficina de vôlei sentado no último congresso do Comitê Paralímpico Brasileiro, recebi isso com todos os custos pagos e eles pediram para levar a prática do vôlei sentado para nossas cidades e decidi fazer essa PD para estimular. Não tive objeção, na mesma hora foi aprovada e foi uma experiência sensacional, apesar do semestre corrido. Os alunos experimentaram um esporte completamente diferente dos demais e também foi um exercício de empatia com os deficientes. Uma palavra: igual.